

Pedro Nuno da Silva Pinto

A arte na aprendizagem

O cinema enquanto fator dinamizador do desenvolvimento de competências na aula de língua estrangeira

MESTRADO EM ENSINO DE INGLÊS E DE FRANCÊS
OU ESPANHOL NO ENSINO BÁSICO

M M

MESTRADO EM ENSINO DE INGLÊS E DE
FRANCÊS OU ESPANHOL NO ENSINO BÁSICO

Dezembro 2017

Pedro Nuno da Silva Pinto

A arte na aprendizagem

O cinema enquanto fator dinamizador do desenvolvimento de competências na aula de língua estrangeira

Relatório final de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
MESTRE EM ENSINO DE INGLÊS E DE FRANCÊS OU ESPANHOL NO
ENSINO BÁSICO

Orientação

Prof. Doutor Manuel Bernardo Queiroz Canha

MESTRADO EM ENSINO DE INGLÊS E FRANCÊS OU
ESPANHOL NO ENSINO BÁSICO

Resumo

O presente Relatório Final de Estágio resulta de uma reflexão realizada no âmbito da Prática Educativa, inserida no Mestrado em Ensino de Inglês, Francês ou Espanhol no Ensino Básico.

A sua temática baseia-se no recurso e na aptidão da arte e do cinema no ensino, enquanto elementos dinamizadores do desenvolvimento de competências na aula de língua estrangeira. Nessa perspetiva, são explorados os conceitos de arte, cinema, plurilinguismo, pensamento crítico e o do perfil do professor de línguas estrangeiras.

Através deste relatório reflito sobre as minhas práticas pedagógicas e procuro compreender a evolução do meu pensamento enquanto docente, à luz da temática deste trabalho.

O método de investigação usado tem por base um processo de análise reflexiva e documental, assente respetivamente no estudo teórico dos conceitos supra identificados e das planificações das aulas e relatórios de estágio, desenvolvidos ao longo de todo o mestrado.

Estruturalmente, este trabalho apresenta, assim, uma primeira parte, em que são explorados os princípios teóricos e metodológicos subjacentes ao tema em estudo, os quais suportam as propostas e conclusões realizadas na segunda parte, de carácter essencialmente prático.

Palavras-chave: arte, o ensino pela arte, cinema, perfil do professor de língua estrangeira, plurilinguismo, pensamento crítico.

Abstract

The current Final Practice Report, results from a reflection carried out in the Educational Practice within the Mestrado em Ensino do Inglês, Francês ou Espanhol no Ensino Básico.

Its theme is based on the appeal and aptitude of art and cinema, as elements of the development of competences in the foreign language class. From this perspective, the concepts of art, cinema, plurilingualism, critical thinking and the profile of the teacher of foreign languages are explored.

Throughout this report I reflect on my pedagogical practices trying to understand the evolution of my thinking as a teacher according with the theme.

The research method used is centred on a process of reflective and documentary analysis, based respectively on the theoretical study of the concepts identified above and the class planning and internship reports developed throughout the master's degree.

Structurally, this Final Practice Report presents a first part, which explores the theoretical and methodological principles underlying the topic under study, which support the proposals and conclusions made in the second part, essentially practical.

Key words: Art, teaching through art, cinema, profile of the foreign language teacher, plurilingualism, critical thinking

Resumen

El presente trabajo final de Prácticas, resulta de una reflexión realizada en el ámbito de la Práctica Educativa, insertada en el Máster en Enseñanza de Inglés, Francés o Español en la Enseñanza Básica.

Su temática se basa en el recurso y aptitud del arte y del cine en la enseñanza, como elementos dinamizadores del desarrollo de competencias en la clase de lengua extranjera. En esa perspectiva, se exploran los conceptos de arte, cine, plurilingüismo, pensamiento crítico y el del perfil del profesor de lenguas extranjeras.

A través de este trabajo final de Prácticas reflexiono sobre mis prácticas pedagógicas y procuro comprender la evolución de mi pensamiento como docente, a la luz de la temática de este trabajo.

El método de investigación utilizado se basa en un proceso de análisis reflexivo y documental, basado en el estudio teórico de los conceptos anteriormente identificados y de las planificaciones de las clases e informes de prácticas, desarrollados a lo largo de todo el máster.

Estructuralmente, este trabajo presenta una primera parte, en la que se explotan los principios teóricos y metodológicos subyacentes al tema en estudio, los cuales soportan las propuestas y conclusiones realizadas en la segunda parte, de carácter esencialmente práctico.

Palabras Clave: Arte, la enseñanza por el arte, cine, perfil del profesor de lengua extranjera, plurilingüismo, pensamiento crítico.

Agradecimentos

Dedico este trabalho à minha Avó Adelaide pelo apoio incondicional que sempre me deu e por me ter ensinado que o trabalho árduo traz sempre bons frutos.

Não existem palavras suficientes para agradecer à minha mãe, não só pelo apoio incondicional, pelo amor, carinho e dedicação, mas sobretudo pelo exemplo de força e coragem que sempre me deu.

Ao António por ser o meu porto seguro, pelo seu amor, companheirismo e dedicação, que ainda hoje me provocam taquicardia.

Às minhas irmãs pela força e incentivo presente em todos os momentos da minha vida.

Às quatro fantásticas, Maria, Odete, Fernanda e Sónia, por todas as gargalhadas e momentos de partilha ao longo do mestrado que se transformaram numa amizade verdadeira, à qual ainda hoje brindamos com a sangria da Casa da Foz.

À Margarida Leite, pelas aventuras vividas na nossa prática educativa e à Eugénia Melo por toda a partilha e força na reta final da realização deste trabalho.

À Bia, por apoiar a minha loucura e ter criado exclusivamente para este relatório as ilustrações que o acompanham.

A todos os professores da ESE que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, com uma referência especial ao professor Bernardo, por me ter feito arrancar os pelos da barba de nervosismo pela sua exigência extrema que me fez ser melhor.

Conteúdo

Resumo	1
Agradecimentos	4
Introdução	6
Capítulo I	9
1.1 Yellow Brick Road	
Um caminho feito de aprendizagens	10
Capítulo II	13
2.1 Tin woodsman	
O professor de língua estrangeira: características e objetivos.....	14
2.1.2 O perfil do professor de Língua Estrangeira	14
2.1.3 A importância do plurilinguismo no perfil do professor.....	20
2.1.4 Sensibilização para a arte na aula de língua estrangeira	22
Capítulo III	27
3.1 The Scarecrow	
Em busca pelo conhecimento.....	27
3.1.1 A arte enquanto dinamizador do desenvolvimento de competências	28
3.1.2 O Cinema enquanto dinamizador da aquisição de conteúdos culturais ..	31
Capítulo IV	37
4.1 The Cowardly Lion	
Um caminho pelos meandros da prática educativa supervisionada	
4.2 Metodologia de Análise	37
5. Práticas educativas Supervisionadas	38
5.1 Expectativas face às práticas Educativas Supervisionadas	39
5.2 Caracterização do contexto socio educativo das práticas educativas	39
5.2.1 Prática Educativa Supervisionada I	40
5.2.3 Prática Educativa Supervisionada II	40
5.2.4 Prática Educativa Supervisionada III.....	40
5.3 Análise da Prática Educativa Prática Educativa I.....	44
5.3.1 Atividade Plurilingue	45
5.4. Análise da Prática Educativa II	48
5.5. Análise da Prática Educativa III	50
6. O cinema enquanto fator dinamizador da aprendizagem da LE	52
7. Reflexão Final.....	58
Bibliografia	62

INTRODUÇÃO

O presente relatório representa o culminar do meu trabalho ao longo dos dois anos no Mestrado de Ensino do Inglês Francês e/ou Espanhol, na Escola Superior de Educação do Porto, e objetiva interligar os conhecimentos adquiridos e consolidados ao longo do meu percurso com a experiência advinda das minhas práticas pedagógicas.

Através deste documento tenho o objetivo de olhar de uma forma crítica e reflexiva sobre o meu percurso, enfatizando os aspetos mais relevantes da minha aprendizagem e aprofundando um tema que para mim, se revelou fulcral no meu desempenho enquanto professor: a arte na aprendizagem da língua estrangeira e a importância que a mesma desempenha na educação e na construção de um pensamento crítico, mais inclusivo e plural.

Numa fase inicial o meu interesse restringia-se ao cinema enquanto recurso didático na sala de aula de língua estrangeira, no entanto passados 2 anos do término das minhas práticas pedagógicas e ao observar o meu percurso e a evolução do meu pensamento, revelou-se pertinente alargar o objeto de estudo deste relatório à arte em geral, com uma focalização no cinema.

Sempre fui um homem apaixonado e um sonhador movido por um coração que muitas vezes se sobrepõe à razão. E esse foi, sem dúvida, o principal motivo pelo qual este relatório não foi entregue há dois há dois anos atrás. Tomado pela revolta com o contexto político e educativo de então e desiludido com o facto de o mestrado que agora me proponho terminar, não ter correspondido aos objetivos que me tinham sido garantidos aquando a minha entrada no mesmo (não apresentando uma solução que me permitisse ser oponente ao grupo de recrutamento 350 espanhol), optei, na altura, pela não apresentação deste relatório.

Hoje, passados quase dois anos, olho para trás sem arrependimento. Por vezes precisamos de nos distanciar do problema para que ele deixe de ser um problema. Como referia Ricardo Reis “abdica e sê rei de ti próprio”.

No entanto, ao refletir em toda a aprendizagem realizada, sobre o investimento financeiro e temporal e na dedicação e paixão que entreguei a cada uma das unidades curriculares do Mestrado, concluí que seria infrutífero deixar este percurso a meio. Assim sendo, decidi ser este o momento certo para encerrar este ciclo de estudos.

Ao olhar para o meu caminho académico foi inevitável fazer a analogia com a *Yellow Brick Road* que *Lyman Frank Baum* descreve no seu romance *O Feiticeiro de OZ*: uma estrada de tijolos amarelos que conduz as personagens do livro até ao seu destino. Deste modo e considerando que cada uma das minhas experiências e aprendizagens ao longo do meu percurso académico é um tijolo amarelo, faz todo o sentido que inicie o meu relatório com a minha *Yellow Brick Road*, acompanhado do *Tin Woodsman*, do *Scarecrow*, do *Cowardly Lion* e do *Wizard of OZ*, personagens metafóricas que me irão ajudar a refletir e analisar de um ponto de vista crítico, as diferentes etapas do meu caminho. Cada uma delas representará, assim, um capítulo deste relatório.

O *Tin Woodsman* ajudar-me-á na criação de um capítulo no qual tentarei elencar e analisar as características necessárias do professor de língua estrangeira, contextualizando o seu perfil, a importância do plurilinguismo na sala de aula, bem como a sensibilização dos alunos para a arte, com o objetivo de promover o espírito crítico.

Quem leu o livro que agora inspira a estrutura do presente relatório sabe bem que o *Tin Woodsman* percorria a *Yellow Brick Road* em busca de um coração. Ora, na minha opinião, todos os professores devem ter um coração aberto e preparado para novas experiências, uma vez que os seus alunos são pessoas e não apenas números, como aliás referia *Charles Dickens* no seu romance *Hard Times*. É, pois, necessário investir no estudo aprofundado das políticas educativas, criando condições e novas estratégias para estabelecer relações pedagógicas mais saudáveis, consolidadas e frutíferas.

Com a ajuda do *Scarecrow*, dedicarei um capítulo de contextualização teórico sobre a problemática deste relatório, dando enfoque à arte na aprendizagem e ao recuso ao cinema enquanto dinamizador da aprendizagem de conteúdos culturais, explorando o tema de uma forma crítica.

O *Scarecrow* percorria a *Yellow Brick Road* à procura um cérebro. Ao estabelecer uma relação metafórica desta personagem com o docente de língua estrangeira, tentar-se-á evidenciar a importância do constante desafio que deve pautar a conduta do professor na busca do conhecimento atualizado, devendo para isso investigar nos principais pilares da educação, promovendo uma relação pedagógica saudável no decorrer do processo de ensino/aprendizagem.

De mão dada com o *Cowardly Lion*, abrirei caminho a um capítulo empírico, no qual irei refletir sobre as minhas Práticas Educativas I, II e III, interligando os conteúdos teóricos abordados à luz das minhas experiências

enquanto docente de língua estrangeira.

No romance de *Lyman Frank Baum*, o *Cowardly Lion*, percorria a *Yellow Brick Road* em busca de coragem. Da mesma forma, esse caminho se impõe ao professor, profissional a quem a escola de hoje impõe uma permanente aptidão para superar desafios, vencer dificuldades, e mais importante do que isso, “construir” mentalidades, assentes nos valores fundamentais da sociedade moderna.

Por último, terei a ajuda do *Wizard of OZ*, que me ajudará a compor o capítulo final deste relatório. O *Wizard of OZ* representa o conhecimento e toda a experiência adquirida e, por isso, nesse capítulo irei refletir sobre o meu caminho na *Yellow Brick Road*, apresentando uma visão transversal do meu relatório.

Centrado num conceito de investigação ação, escolhi como metodologia a aplicar no presente relatório, uma metodologia qualitativa utilizando a análise documental, focando-me em todos os trabalhos desenvolvidos ao longo das unidades curriculares do mestrado, diários de bordo, planificações e relatórios realizados e ainda nos questionários aplicados a professores, alunos e encarregados de educação sobre a temática.

Considerando o hiato temporal entre as minhas práticas pedagógicas e a apresentação do presente documento, a análise documental revelou-se a metodologia mais indicada, uma vez que dispunha de vários documentos que registavam a minha linha de pensamento na altura das minhas Práticas Pedagógicas Supervisionadas.

Com esta análise documental pretendo identificar a evolução do meu pensamento e da minha posição enquanto professor à luz do tema deste relatório, com um enfoque especial no uso da arte e do cinema no contexto de ensino aprendizagem.

Este processo de investigação ação levar-me-á a ter uma participação mais ativa, enquanto agente capaz de produzir uma mudança no meu metro quadrado, traduzindo-se num processo de participação na construção de novas realidades, contribuindo assim para uma comunidade educativa mais reflexiva e atenta à diversidade e à pluralidade.

Capítulo I



“It's always best to start at the beginning – and all you do is follow the Yellow Brick Road”

Lyman Frank Baum

1.1 *Yellow Brick Road*

Um caminho feito de experiências e aprendizagens

Desde pequeno que quis ser professor. Sempre vi o ensino como uma maneira de mudar mentalidades e de poder fazer a diferença no meu metro quadrado. Depois do exemplo da minha mãe e de alguns professores que me marcaram positivamente, decidi ingressar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, na licenciatura de Português Francês – Variante Ensino. No final do meu primeiro ano descobri, no entanto, que o meu plano de estudos era muito redutor e o estudo formal da língua não me era suficiente. Assim sendo, o fascínio pelas línguas estrangeiras e pela pluralidade levou-me a optar pela licenciatura em Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA) em detrimento da licenciatura em Português Francês.

LEA era uma licenciatura com um currículo académico muito polivalente, que para além das línguas estrangeiras e língua materna tinha uma componente ligada às ciências sociais que me agradava muito. Desde cedo fui sensibilizado para o plurilinguismo e para a diversidade, pilares que, com orgulho e desde cedo, abracei enquanto pessoa e profissional.

Na reta final desse primeiro percurso universitário, tive a oportunidade de estagiar na estação da “Rádio Clube Português”, na qual desenvolvi um projeto chamado Ministério do Bom Senso: um programa radiofónico no qual eram discutidos problemas da atualidade. Nessa mesma altura, tive também a oportunidade de estagiar no Concelho Pedagógico da UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), como secretário do Professor Doutor José Esteves Rei, o que me permitiu “mergulhar” nos meandros da Política e do Sistema Educativos e me fez entender a complexidade de tais matérias.

Ao terminar a minha licenciatura, surgiu logo a possibilidade de ingressar numa escola como professor de língua estrangeira, por ter concorrido, com habilitação própria, para o ensino de Espanhol. Foi nessa altura, no ano letivo de 2009/2010, que tive então a minha primeira experiência enquanto professor de língua estrangeira, no Agrupamento de Escolas de Mora, numa pequena vila alentejana, com aproximadamente 2200 habitantes. Nesse ano tive o meu primeiro contacto com o ensino básico e secundário, ao ministrar a disciplina de espanhol aos 8º e 9º anos e ao Curso Profissional de Turismo ao

12º. Esse foi o ano em que tudo fez sentido e percebi que o meu futuro passava mesmo pelas salas de aula. De facto, a experiência foi de tal forma inspiradora e enriquecedora, que esse foi o tempo em que decidi especializar-me e requalificar-me para o ensino.

No ano seguinte o desafio continuou com a minha colocação no Agrupamento de Escolas Nº 2 de Elvas, numa outra pequena cidade alentejana, com cerca de 16640 habitantes. Nessa escola, foram-me confiadas as turmas do ensino básico dos 7º e 8º anos. Dessa feita, surgiu-me igualmente a oportunidade de trabalhar com o ensino de adultos num Centro de Novas Oportunidades (CNO), experiência que me suscitou um interesse especial pela Andragogia e pelo ensino de adultos. Nesse CNO desempenhei as funções de formador de língua estrangeira Espanhol e Coordenador de um Curso EFA B1+ B2.

No final desse ano letivo (2011/2012) senti a necessidade de procurar um curso que me permitisse lograr a profissionalização no ensino do Espanhol, adquirir os conhecimentos necessários para alcançar esse desiderato e aprofundar todos os conceitos pedagógicos que tinha experienciado até então. A profissionalização no grupo 350 iria permitir o acesso ao concurso nacional de professores, e eu poderia então iniciar a minha tão ambicionada carreira profissional, como professor.

Após uma análise cuidada do meu percurso académico, concluí que não possuía Unidades de Crédito (ECTS) suficientes para me inscrever diretamente no Mestrado em Ensino do Espanhol e após uma reunião com os representantes do mestrado de MEIFE, decidi complementar a minha formação, na Licenciatura de Línguas e Culturas Estrangeiras, realizando todas as Unidades de Crédito necessárias para o meu ingresso no mestrado de MEIFE.

Nesse período experimentei um grande crescimento intelectual e emocional. A exigência horária e o plano de estudos concebido foram determinantes no sentido de, nesse ano, me dedicar por inteiro às unidades curriculares da Licenciatura de Línguas e Culturas Estrangeiras, sem as quais não poderia ingressar no Mestrado que ora me proponho terminar.

No ano Letivo de 2012/2013 entrei finalmente no Mestrado de MEIFE. Esse foi um ano de grandes desafios, na medida em que tive de conciliar o meu trabalho como professor de Espanhol no Agrupamento de Escolas e no CNO de Albergaria-a-Velha, com as aulas das diferentes unidades curriculares do Mestrado e ainda com a Prática Educativa I. Foi uma tarefa hercúlea: dividia o

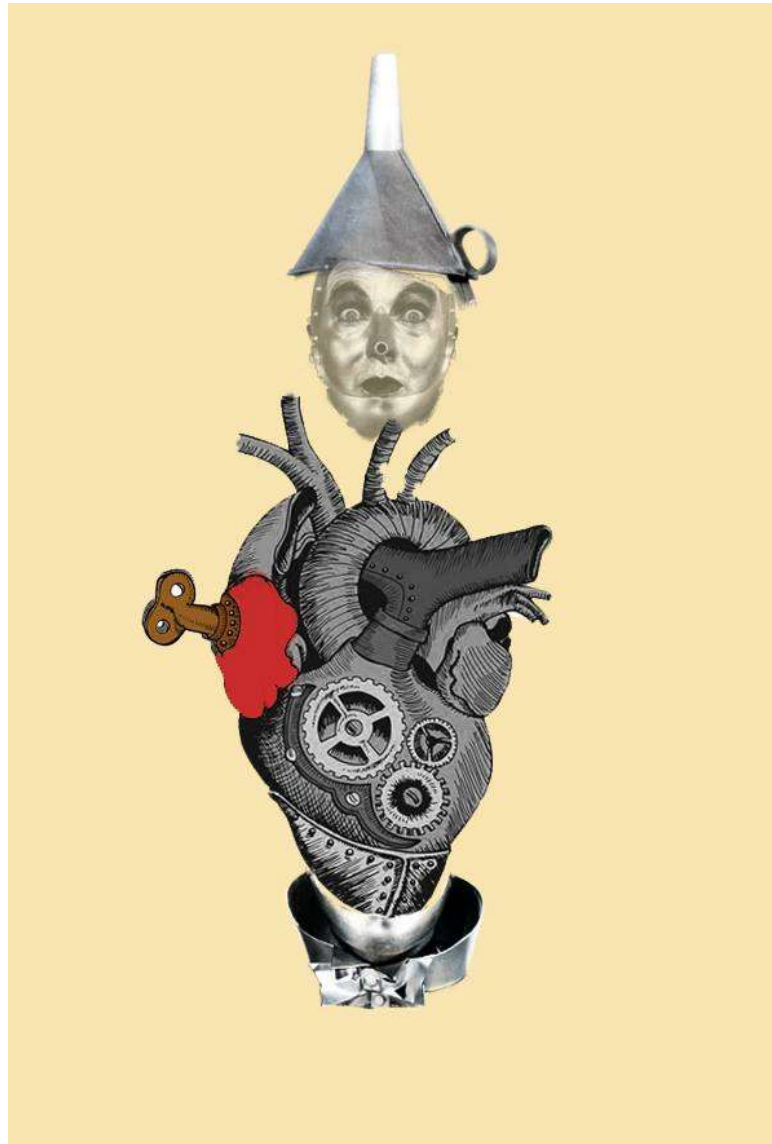
tempo nas viagens diárias que fazia do Porto (cidade onde já vivia) para Albergaria-a-Velha e de lá para o meu primeiro centro de estágio (também no Porto).

No meu segundo ano de mestrado, conciliei o meu trabalho como professor de Língua estrangeira espanhol no Colégio CEBES, no Porto, com as aulas teóricas das diferentes unidades curriculares e ainda as Práticas Educativas II e III. Uma vez mais, foi um ano de grandes lutas. Não tive nenhum colega de estágio no decorrer da Prática Educativa II e III, realizadas respetivamente no Agrupamento de Escolas Leonardo Coimbra, no Porto e na Escola Secundária de Lousada, esta última a 50 km de minha casa e do meu trabalho.

Desde então que a *Yellow Brick Road* tem sido um caminho de grande aprendizagem e de descoberta de novas paixões. O ensino é uma arte fascinante, especialmente quando se parte do princípio que o mesmo pode conciliar em si todas as outras artes e estimular não só o conhecimento como também o pensamento crítico. Acredito, com veemência, que o papel do professor é muito mais do que transmitir apenas os conteúdos propostos por um manual.

No *Sermão de Santo António aos Peixes*, o Padre António Vieira afirma “vós jovens sois a esperança do futuro”. Ora, se são os professores que orientam os jovens, é com o que os primeiros ensinam aos segundos que se pode abrir uma *Yellow Brick Road* de mudança, potenciando o conhecimento e o desenvolvimento de valores plurais e inclusivos.

Capítulo II



“You people with hearts, he said once, have something to guide you, and need never do wrong; but I have no heart, and so I must be very careful.”

L. Frank Baum, The Wonderful Wizard of Oz

2.1. TIN WOODSMAN

O professor de língua estrangeira: características e objetivos

O *Tin Woodsman* é uma personagem ficcional do livro “O feiticeiro de OZ” de Frank L. Baum e representa um lenhador que, segundo a história, foi amaldiçoado por uma bruxa, transformando-se num homem de lata e sem características humanas. Esta personagem percorre a estrada de tijolos amarelos em busca de um coração, um órgão vital que o iria curar da maldição e devolver-lhe a forma humana.

O coração é um órgão vital que bombeia o sangue por todo o corpo humano. Historicamente, o coração assumiu sempre conotações muito importantes. Por exemplo, no antigo Egito, os julgamentos eram realizados *post mortem* de acordo com o peso do coração. Nas sociedades ocidentais é vulgar ouvir a expressão “coração grande” no sentido de definir pessoas bondosas.

Sabemos que o coração é comumente associado de forma metafórica a sentimentos nobres como o amor, a paixão e a dedicação, também eles inerentes à profissão de professor.

Neste capítulo, proponho-me refletir sobre três aspetos que ao longo do meu percurso neste Mestrado se destacaram e que considero serem competências essenciais de qualquer professor de língua estrangeira: i) o perfil do professor de língua estrangeira, explorando as suas características; ii) a importância do plurilinguismo no perfil do professor e na sala de aula de língua estrangeira; e iii) a importância da sensibilização para a arte no processo de ensino aprendizagem.

2.1.2 O perfil do professor de língua estrangeira

O sistema educativo tem sofrido mudanças estruturais nos últimos tempos, levando a que todos os intervenientes do processo de ensino/aprendizagem tivessem que se adaptar às novas imposições advindas das evoluções sociais e tecnológicas. Caminhamos a passos largos para uma sociedade global, na qual a mobilidade de pessoas é uma constante, seja por motivos pessoais, de lazer ou profissionais.

Face a estas alterações, surge a necessidade de formar cidadãos plurilingues, abertos à diversidade e à pluralidade.

Estas diretivas têm sido referenciadas em diversos documentos de carácter europeu, nomeadamente o Quadro Europeu Comum de Referência das Línguas. À luz deste documento, a aprendizagem de línguas estrangeiras ajuda a “promover a compreensão e a tolerância recíprocas e o respeito pela identidade e diversidade cultural através de uma comunicação internacional mais eficaz; manter e desenvolver a riqueza e a diversidade da vida cultural europeia através de um conhecimento recíproco e cada vez maior das línguas nacionais e regionais, incluindo aquelas que são menos ensinadas; responder às necessidades de uma Europa multilingue e multicultural, desenvolvendo de forma considerável a capacidade dos europeus comunicarem entre si, para lá de fronteiras linguísticas e culturais, o que exige um esforço bem alicerçado ao longo da vida, que deve ser encorajado, visto numa base mais organizada e financiado em todos os níveis de ensino pelas autoridades competentes.” (QECRL, 2001).

De acordo com estas diretivas o professor de língua estrangeira adquire um papel preponderante na educação destes novos cidadãos, chamando a si a responsabilidade de estimular os alunos a descobrir e a aprender novas línguas estrangeiras, abrindo as portas para a globalidade e para a inclusão, dotando os seus alunos de ferramentas e competências sociais que farão a diferença nas sociedades futuras.

Ser professor não é uma tarefa fácil. D. Pedro II de Portugal, 1º Imperador do Brasil afirmou a esse propósito: “Se não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro”. Esta ideia transmite-nos a real importância da missão de ser professor, salientando a importância do seu papel na construção do indivíduo e o seu impacto na sociedade.

Ser professor é muito mais do que ser um canal de transmissão de conteúdos. Ser professor é muito mais do que ser um agente de comunicação unilateral que se limita a expor e a transmitir os conteúdos que previamente planificou para a sua aula.

Todos os dias os profissionais da docência são confrontados com vários desafios. Ensinar uma língua estrangeira implica articular de forma equilibrada o estudo formal da língua, aprofundando o seu léxico, a sua gramática e linguística e os seus aspetos culturais.

Assim, importa definir o perfil do professor de língua estrangeira.

Consideramos como perfil as “características que o profissional deve possuir, elevando a noção de competência, como, um saber atuar responsável adequado às diversas situações com as quais o profissional é confrontado” (Vaz, M., 2011).

O professor de línguas estrangeiras é um profissional em formação contínua; precisa estar sempre se atualizando, não só para acompanhar um mundo em constante mudança, mas também para ser capaz de provocar mudanças. (Leffa, Wilson, 2008).

Fullan enfatiza o objetivo moral do papel do professor de língua estrangeira, colocando-o como agente de mudança de mentalidades, que assume um papel preponderante na construção das mentalidades dos aprendentes, desenvolvendo as competências do saber ser e do saber fazer.

O professor de língua estrangeira está inserido numa sociedade e num sistema de ensino que deve alinhar todos os princípios sociais e educacionais.

O sistema educativo é inquestionavelmente o pilar das sociedades atuais, impondo cada vez mais uma grande responsabilidade a todos os intervenientes do processo de ensino aprendizagem. O mundo está em constante desenvolvimento e ainda se encontra longe de ser um lugar perfeito.

É fundamental que os professores assumam um papel diferenciador, como já havia sido referido na 35^a Conferência Internacional de Educação realizada de acordo com as diretrizes da UNESCO, segundo a qual os professores não deveriam assumir apenas um papel de comunicadores/transmissores de conhecimento, debitando conteúdos, e que fundamental era apelar ao pensamento crítico, ajudando os jovens a construir os seus conhecimentos, partindo de diferentes fontes de informação (UNESCO – OIE, 1975).

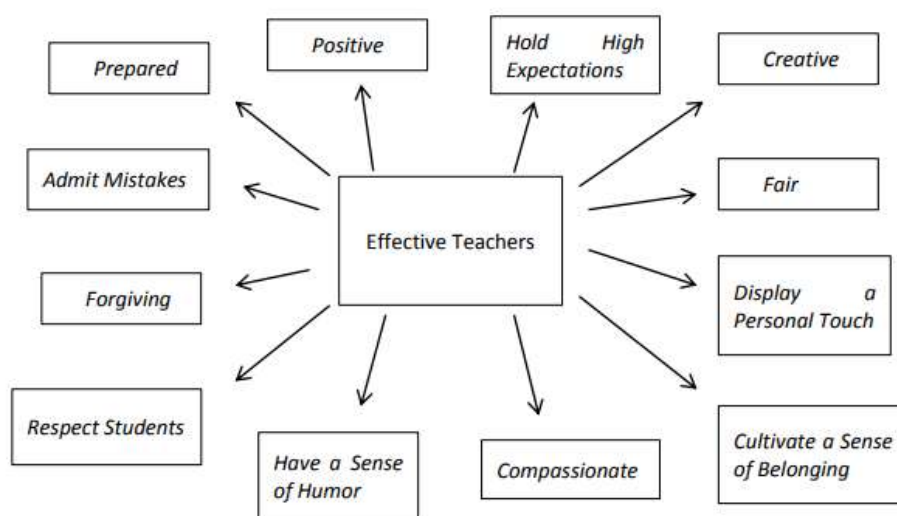
Mediante o exposto impera a triangulação entre os três domínios do saber: Saber-Saber, Saber-Fazer e Saber-Ser; revela-se muito importante que o professor do Século XXI trabalhe cada um desses domínios, fomentando sempre o espírito crítico do aluno, dotando-o de competências essenciais ao seu desempenho em sociedade. De acordo com PERRENOUD (2001) importa salientar que os professores e a escola enquanto organismo centrem os seus objetivos do desenvolvimento de competências, competências essas que serão fundamentais na construção do indivíduo e na sua posterior articulação com a sociedade.

Educar não é de todo uma tarefa fácil, entendemos por educar a capacidade de oferecer a alguém o necessário para que esta pessoa consiga desenvolver

plenamente a sua personalidade. Este ato requer um conjunto de competências que devem estar claramente presentes no professor de línguas estrangeiras, de acordo com o que nos diz (Cardoso, 2013) educar é “Dito de outro modo, estimular, motivar, reconhecer, encorajar a aventurar-se a ir sempre mais além, a olhar alto, e a varrer novos horizontes é a tarefa mais nobre com que se defrontam os educadores do presente e do futuro. “

De acordo com *Isabel Iglesias Casal* é imprescindível que os professores se tornem conscientes “de las divergencias y de las convergencias culturales que obstaculizan o facilitan el acercamiento, la toma de conciencia y la aceptación de otros modos de ver el mundo” (Casal 2003).

Partindo as considerações supra expostas, cumpre-nos refletir sobre o perfil que um professor deve possuir para desempenhar o ato de educar de forma plena. Existem várias características inerentes ao perfil do professor. No entanto, segundo Walker (2008:64) existem 12 características essenciais de um bom professor como podemos observar no diagrama abaixo:



O professor é um ser humano, e como tal tem a sua identidade e personalidade, o que significa que nem sempre o mesmo reunirá todas as características acima mencionadas. No entanto, cada uma delas representa um papel importante no perfil do professor. Quando refletimos sobre estas características devemos ter em consideração o seguinte:

Prepared: facilmente concluímos que o professor deve estar sempre preparado, planificando sempre as suas aulas de forma minuciosa e responsável e munindo-se sempre de recursos didáticos e pedagógicos motivadores, que apoiem os conteúdos a abordar e despertem o interesse e a motivação dos alunos. A preparação e uma planificação adequada ajudam a

minimizar o espaço para o erro, enquadrando-se deste modo com as boas práticas de ensino.

Positive: o positivismo é uma característica essencial para o professor. Apenas mantendo uma atitude positiva irá conseguir uma relação pedagógica saudável na sala de aula. É igualmente importante que o professor use o reforço positivo com os alunos de forma a motivar e incentivar a descoberta e a aquisição dos conteúdos.

Hold High Expectations: é essencial estimular a confiança na relação pedagógica incentivando e levando o aluno não só a trabalhar as suas competências como também a acreditar nas suas capacidades, estimulando para isso a tentativa erro. O professor deve acreditar no aluno e nas suas capacidades, orientando-o no sentido de potenciar as suas competências.

Creative: A criatividade é, sem dúvida, uma característica fulcral do perfil do professor. É fundamental que todos os professores criem e desenvolvam materiais e estratégias criativas e apelativas aos alunos. Esta característica em particular poderá facilitar, sem dúvida alguma, a relação pedagógica, motivando e incentivando o aluno a participar nas atividades e na aula.

Fair: esta característica é essencial ao perfil do professor. A justiça e o sentido de justiça devem ser uma constante inquestionável no ambiente da sala de aula. O professor deve ser justo e imparcial, olhando para os alunos de forma homogénea, promovendo oportunidades equiparáveis, de forma a que todos tenham as mesmas oportunidades de participar e desenvolver as suas competências. Um professor justo, conquista não só o respeito dos alunos como também proporciona um exemplo a seguir.

Display a Personal Touch: quando falamos de uma relação pedagógica saudável temos de referir obrigatoriamente a partilha de conhecimentos. É essencial que o professor se dê a conhecer, promovendo assim uma relação pedagógica mais saudável e enriquecendo a partilha de conhecimentos. Como referimos supra, cada professor tem a sua personalidade e individualidade e pode, através delas, tornar a relação pedagógica única.

Cultivate a Sense of belonging: fomentar o espírito de pertença é sem dúvida, uma característica importante no perfil do professor. O sistema escolar está estruturado de forma a que os alunos aprendam em conjunto, inseridos num grupo com a mesma finalidade. Todos os alunos devem sentir-se integrados e confortáveis no contexto escolar e o professor deve, para isso, promover a inclusão dos alunos e estimular a sua união, combatendo, por exemplo, questões preocupantes como o *bullying* escolar e a exclusão social. O

professor deve ser um agente integrador atuando junto dos alunos como dinamizador e orientador do grupo.

Compassionate: importa refletir que os intervenientes no processo de ensino/aprendizagem são seres humanos, com características e personalidades únicas. Nessa perspetiva, o professor deve olhar para os seus alunos, atendendo aos objetivos e/ou problemas individuais de cada um, agindo diversamente de acordo com a multiplicidade de situações com que se depara.

Have a Sense of Humor: o sentido de humor, mais do que uma característica, pode ser um aliado na altura de criar uma empatia com os alunos. O sentido de humor é relevante para lidar com questões de maior densidade emocional. Esta característica deve ser balanceada uma vez que um professor que abuse no sentido de humor poderá não só perder a sua credibilidade junto dos alunos como também comprometer o processo de ensino/aprendizagem.

Respect: esta característica é a base de todas as relações humanas, incluindo a relação pedagógica. É imperativo que o professor respeite os alunos, não só enquanto alunos, mas também enquanto pessoas. O respeito mútuo promove uma relação pedagógica saudável.

Forgiving: o professor deve ser um *role model* para o aluno, um exemplo a seguir. Deste modo o docente deverá dar o exemplo. Não guardar rancor em relação a qualquer atitude não deve ser uma característica difícil de alcançar. Ela é fundamental na gestão do quotidiano das atuais salas de aula, onde o professor é muitas vezes confrontado com atitudes/ações incorretas por parte dos seus alunos.

Admit Mistakes: nenhum profissional é isento de erro, e independentemente de o professor ser responsável por orientar o aluno até ao conhecimento, é impossível que saiba sempre tudo sobre tudo. É muito importante, por isso, que o professor saiba admitir os seus erros, sendo certo que essa atitude servirá de exemplo para os alunos, incentivando-os também a fazer o mesmo.

Depois de uma análise cuidada a estas doze características, e tendo como base a minha experiência nas práticas pedagógicas e percurso profissional, é, no entanto, minha opinião que as mesmas não esgotam o perfil do professor de língua estrangeira.

Há ainda que salientar que o mesmo deve ser dedicado, honrando o compromisso que tem para com os alunos e a aprendizagem; interessado, o

professor deve estar próximo do “mundo dos alunos” e procurar conhecer os seus interesses de forma a conseguir criar empatia, adaptando, para isso, os seus recursos didáticos;

É igualmente fundamental que o professor se mantenha atualizado e na vanguarda da pedagogia, apresentando sempre soluções plurais e diversificadas aos alunos. O professor deve acompanhar sempre as orientações curriculares bem como estar a par de todas as alterações da política escolar, tendo uma visão holística sobre todos os sectores envolventes da educação.

Ao longo do mestrado, em diversas unidades curriculares, abordamos a questão de a aula de língua estrangeira ser ministrada na língua meta, mesmo no primeiro ciclo. Ao estimular o aluno para a comunicação, esta premissa impõe que do perfil do professor faça parte um completo domínio da língua a ensinar: “ao contrário do senso comum, o melhor professor de idiomas não é o nativo, mas aquele que fala também a mesma língua do aluno. A vantagem desse profissional está na capacidade de interpretar significados no idioma do próprio estudante. Com a hegemonia ameaçada no caso do inglês, professores americanos e britânicos devem reavaliar a maneira como ensinam o idioma (GRADDOL, 2009).

Por fim, e sem ter pretensões de ser taxativo, é muito importante que o professor seja inclusivo e alerte para a diferença e para a diversidade, estimulando sempre o pensamento crítico nos alunos, ajudando-os a crescer não só enquanto tal, mas também enquanto pessoas.

O processo formativo do professor não é um processo estanque. Pelo contrário: é um processo em constante desenvolvimento que abrange várias linhas do pensamento e várias áreas de interesse. De acordo com Pacheco (1995) "é um processo dinâmico e evolutivo que compreende um conjunto variado de aprendizagens e de experiências ao longo das diferentes etapas formativas, num processo global de construção, reconstrução e transformação de uma aprendizagem contínua, seja esta de carácter formal ou não, uma vez que este processo formativo vai muito além da aquisição de conhecimentos e competências, colocando a tónica na individualidade do professor”.

2.1.3 A importância do plurilinguismo no perfil do professor de língua estrangeira

Quando refletimos sobre o professor de língua estrangeira, pensamos de imediato no plurilinguismo. De acordo com Geoffrey Willans, “you can never understand one language until you understand at least two”.

O interesse por este tema surgiu-me quando no decorrer da minha prática educativa, me apercebi que havia uma interação clara entre as diferentes línguas estrangeiras, havendo comparações constantes entre as suas regras gramaticais e uma clara comparação entre o léxico. De tal forma é assim que “*those who know nothing of foreign languages know nothing of their own*” (Johann Wolfgang von Goethe).

Apercebi-me que abrir a sala de aula ao plurilinguismo, é estar a abrir as portas do mundo e da diversidade aos alunos. “The limits of my language are the limits of my world” (Ludwig Wittgenstein). Assim sendo e tendo em consideração o meu claro interesse na diversidade e na exploração cultural de conteúdos linguísticos, decidi aprofundar este tema.

Nos últimos anos, o conceito de plurilinguismo ganhou importância na abordagem da aprendizagem de línguas feita pelo Conselho da Europa. Assim, distingue-se ‘plurilinguismo’ de ‘multilinguismo’, que é entendido como o conhecimento de um certo número de línguas ou a coexistência de diferentes línguas numa dada sociedade (CONSELHO DA EUROPA, 2001).

Para melhor compreender a dimensão que o plurilinguismo poderá ter na nossa prática pedagógica é importante refletir sobre o seu conceito. Deste modo, podemos definir Plurilinguismo como sendo a “capacidade para utilizar as línguas para comunicar na interação cultural, na qual o indivíduo, na sua qualidade de ator social, possui proficiência em várias línguas, bem como experiência de várias culturas.” (Trim et al, 2001).

“El término plurilingüismo hace referencia a la presencia simultánea de dos o más lenguas en la competencia comunicativa de un individuo y a la interrelación que se establece entre ellas. Los conocimientos y experiencias lingüísticas de un individuo pueden adquirirse bien en sus entornos culturales o bien en la escuela; se organizan en sistemas que se relacionan entre sí e interactúan, contribuyendo así a desarrollar la competencia comunicativa del sujeto.” (CVC, Diccionario de términos clave de ELE, 2014).

É muito importante que os professores de hoje eduquem para a diversidade. Como já referimos anteriormente e de acordo com Edgar Morin (2006) “o trabalho pedagógico deve levar em consideração a interdisciplinaridade dos conteúdos, contextualizando e globalizando o conhecimento. É necessário promover a interligação dos conhecimentos das diferentes áreas de estudo para a compreensão da complexidade do mundo.”

Tendo em consideração o contexto europeu, e considerando que cada vez mais vivemos numa sociedade plural e diversificada, revela-se imperativo a aquisição de línguas estrangeiras, promovendo as competências plurilíngues bem como a comunicação intercultural, considerando que assim se formam cidadãos do mundo, abertos à diferença e à multiculturalidade.

Como maneira de promover este plurilinguismo recomenda-se um ensino precoce de línguas no primeiro ciclo, elevando assim a proficiência e a presença das línguas estrangeiras em todos os ciclos do processo de ensino aprendizagem. Línguas como o espanhol, têm ganhado força nas escolas portuguesas, aumentando assim a oferta e a qualificação dos aprendentes. Aprender uma língua estrangeira é abrir as portas a um novo mundo, erradicar barreiras e estimular a compreensão e a tolerância entre as pessoas.

O indivíduo ao aprender uma língua estrangeira – e entendemos como língua estrangeira “aquela que se aprende em segundo ou terceiro lugar, mas que não coabita, quotidianamente no contexto social em que o indivíduo evolui” (Coste, 1983) – estará a alargar não só os seus horizontes físicos e linguísticos, como também os seus horizontes culturais, adquirindo conhecimento específico sobre outras culturas, o que inaptamente o irá educar para a diversidade e para o multiculturalismo, fomentando uma atitude mais aberta e plural.

“Em toda a língua se pensa diversamente, de modo que o nosso pensamento recebe uma nova modificação e uma nova coloração sempre que aprende um idioma, o que faz com que o políglotismo, além das suas muitas utilidades indiretas, seja também um meio direto de formação intelectual, na medida em que ele corrige e aperfeiçoa as nossas opiniões, bem como aumenta a agilidade do pensamento graças à multiplicidade e à nuance dos conceitos que ressalta, pois, com o estudo de muitas línguas, e assim o conceito liberta-se cada vez mais da palavra” (Arthur Schopenhauer, in ‘Da Língua e das Palavras’).

2.1.4 Sensibilização para a arte na aula de língua estrangeira

Desde criança que a arte me fascinou e sempre esteve presente na minha vida. Ao iniciar as minhas práticas pedagógicas, esta ligação entre os conteúdos culturais e a arte foram-se complementando e o uso da arte foi uma constante em todo o meu percurso, enquanto docente. Mesmo na criação do presente documento a conceção artística foi uma preocupação: houve uma ligação da escrita criativa, à pintura, à fotografia e ao cinema, ajuda sem a qual não me sentiria com coragem para levar a cabo este trabalho.

“The purpose of art is washing the dust of daily life off our souls.”

Pablo Picasso

Definir arte não é uma tarefa fácil! O que é a arte? Como identificamos a arte? Qual é o seu objetivo? A arte pode ser pedagógica? A arte é só uma forma de diversão? A arte existe? Estas questões levaram-me a fazer um estudo com o intuito de definir arte.

A palavra arte vem do latim. Arte significa talento, saber ou habilidade (Machado, 1997) e traduz-se na conceptualização de todas as criações realizadas pelo ser humano para expressar uma visão/abordagem sensível do mundo, seja esta visão real ou meramente fruto da imaginação. Para se expressar, a arte pode assumir várias formas socorrendo-se de recursos plásticos, linguísticos ou sonoro. A arte permite expressar ideias, emoções, perceções e sensações.

De acordo com *Leo Tolstói*, a Arte não pode ser definida como uma atividade que cria/produz beleza. Importa explorar o conceito: a beleza é subjetiva e conseqüentemente não pode ser definida de forma objetiva, assim sendo não nos é permitido encontrar um critério para definir o que é a arte ou não. Como referido, devemos ter em consideração que o objetivo da arte não é produzir beleza, nem proporcionar sempre prazer, deleite ou entretenimento. A arte é por si só um meio de comunicação, um meio de expressão de qualquer experiência ou sentimento. Acima de tudo, a arte é um registo histórico de vida.

No seu Livro *What is Art?* publicado em 1986 *Tolstoi* define a arte como expressão de um sentimento ou experiência, que registado sobre diversas formas pode ser experienciado pelo publico que assiste/ vê/ aprecia/ ouve e não deve ser associada a nenhuma classe em particular. O objetivo da arte não é segregar, mas sim integrar. Segundo a perspetiva de Fernando Pessoa “a arte é a autoexpressão lutando para ser absoluta”.

Segundo Buoro (2001) a arte é “[...] um produto de embate homem/mundo, consideramos que ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa, figura e conhece”.

A arte estimula o pensamento crítico, imputando sentimentos e experiências aos seus consumidores que nem sempre são obrigatoriamente positivos: todos nós, enquanto apreciadores/consumidores de arte, podemos não concordar, gostar ou apreciar. *Umberto Eco* no seu livro *A Definição de Arte*, publicado em 1968 afirma: “É possível que, diante de uma obra de arte, eu compreenda os valores que ela comunica e que, ainda assim, não o aceite. Nesse caso, posso discutir uma obra de arte no plano político e moral e posso rejeita-la contesta-la justamente porque é uma obra de arte. Isso significa que a arte não é o absoluto, mas uma forma de atividade que estabelece uma relação dialética com outras atividades, outros interesses, outros valores. Diante dela, na medida que reconheço a obra como válida, posso operar as minhas escolhas, eleger os meus mestres. A tarefa do critico pode ser também e especialmente esta: um convite a escolher e a discernir. Cada um de nós lendo uma obra literária, ainda que professe os critérios técnico estruturais aqui expostos, deve e pode encontrar uma relação emocional e intelectual, descobrir uma visão do mundo e do homem.”

Consideramos então que a arte é um meio de comunicação que transmite vida e sentimentos: não a precisamos de compreender, mas de a sentir. “A ciência descreve as coisas como são; a arte, como são sentidas, como se sente que são” (Fernando Pessoa). Todas as culturas possuem as suas manifestações artísticas que fazem parte inquestionavelmente do património cultural de cada cultura.

A arte esteve sempre presente no desenvolvimento dos contextos históricos e socioculturais, fazendo-se representar das mais variadas formas, expressando características estéticas concordantes com os valores e com os padrões de cada época, transformando-se num registo histórico, não só dos padrões de beleza como também de aspetos do quotidiano, como o caso das

pinturas rupestres.

Estas manifestações provocam estímulos e *inputs*, estimulando os diferentes sentidos, através de cores, sons, movimentos, formas e recursos tecnológicos que se aliaram à pintura, ao desenho, à música e à dança, criando novas e complexas conceptualizações tais como a escultura, o teatro e o cinema.

Com a evolução das sociedades contemporâneas, a arte foi assumindo um papel preponderante, equiparando-se com as diferentes áreas científicas, apontadas como primordiais para a formação pessoal e profissional do ser humano.

A presença da arte na educação não é uma questão recente, sendo que foram os gregos os primeiros a valorizá-la, integrando-a como fator diferenciador e estruturante da educação do indivíduo. A arte ao serviço da educação assume um papel primordial no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos, ultrapassando os conhecimentos históricos, matemáticos e científicos e alcançando o desenvolvimento de competências sociais e culturais que despertam a sensibilidade e a humanização do indivíduo.

Segundo Lima (2007), a arte, tal como as outras ciências, modos de sobrevivência ou de organização, é um componente cultural de um povo e é igualmente importante na educação e no desenvolvimento humano, podendo “oferecer oportunidades de reflexão, questionamento, conhecimento e entendimento quanto à riqueza da grande diversidade cultural da espécie humana”.

Considerando tudo o que foi mencionado anteriormente, a arte como meio de expressão e registo é, sem dúvida, um potenciador do pensamento crítico, na medida em que somos obrigados a refletir e reagir aos estímulos que por ela nos são dados.

Ao decalcar o exposto para a sala de aula, encontramos a chave para a interdisciplinaridade e para a interculturalidade.

Segundo Eisner (1972) a arte pode ser vista como um instrumento de inclusão, uma vez que complementa várias formas de desenvolver aprendizagens ligadas a várias áreas do conhecimento.

De acordo com Lagoutte (2002) a arte é uma forma de desenvolver a sensibilidade, a expressão e a criação, favorece a autonomia e permite equilibrar as diversas formas de inteligência cultivando a maneira de pensar e agir, deste modo considera-se que a arte favorece o desenvolvimento de

competências apresentando um cariz transdisciplinar.

Na aula de língua estrangeira, a arte é não só um promotor de aprendizagem como um conteúdo em si, uma vez que na aprendizagem da língua estrangeira é muito importante que haja um desenvolvimento dos conteúdos culturais. Assim através do uso da arte, potencia-se o pensamento crítico nos alunos e favorece-se a aquisição e desenvolvimento de conteúdos culturais que irão permitir conhecer melhor determinadas épocas e culturas. Através do uso de obras de arte provenientes de diferentes culturas e épocas, dá-se aos alunos ferramentas que lhe permitam refletir e fazer uma análise comparativa entre as diferentes sociedades/culturas.

Ao sensibilizar os alunos para a arte, o professor está também a contribuir para o desenvolvimento das competências do aluno enquanto pessoa favorecendo assim a construção de uma sociedade mais aberta, mais inclusiva e reflexiva.

Capítulo III



“All the same,” said the Scarecrow, “I shall ask for brains instead of a heart; for a fool would not know what to do with a heart if he had one.”

– L. Frank Baum

3.1 The Scarecrow

Em busca pelo conhecimento

O *Scarecrow* é outra das personagens criadas por *Frank L. Baun* para o seu livro *O Feiticeiro de Oz*. Esta personagem é um espantalho que afirma que não tem um cérebro, e que o seu maior desejo é ter um. Por isso e para isso, percorre a estrada de tijolos amarelos em busca de um. Na realidade este espantalho tem apenas dois dias de vida e por isso ainda não adquiriu conhecimento. No decorrer da história o *Scarecrow* demonstra que sempre teve um cérebro e o autor afirma que “*A baby has brains, but it doesn't know much. Experience is the only thing that brings knowledge, and the longer you are on earth the more experience you are sure to get.*” (Baun). Ora, analogicamente, esta personagem representa o movimento construtivista inspirado na obra de *Piaget* que defende a construção do sujeito a partir de sua interação com o meio.

A posição do movimento construtivista em relação à educação, traduz-se na ideia que que a aprendizagem não acontece de forma passiva pelo aluno. Defende-se a esse propósito que fica na esfera do docente a tarefa de criar possibilidades enquanto sujeito mediador da aprendizagem, promover o conflito e conseqüentemente o avanço cognitivo de cada aluno na sua individualidade, promovendo o desenvolvimento das estruturas de pensamento, raciocínio lógico, julgamento e argumentação.

No final do romance, *Scarecrow* é reconhecido por todos, como sendo o “homem” mais inteligente de OZ, comprovando que o conhecimento é adquirido progressivamente com as experiências vivenciadas.

Neste capítulo pretendo refletir sobre o tema principal deste relatório, interligando os conceitos abordados no capítulo anterior e complementando teoricamente os seguintes pontos:

- A arte enquanto fator dinamizador da aprendizagem da língua estrangeira;
- O cinema enquanto potenciador de aquisição de conteúdos culturais.

3.1.1 A arte no desenvolvimento de competências na aula de Língua Estrangeira;

Quando pensamos na aula de língua estrangeira, facilmente estabelecemos a conexão entre o ensino e a arte, uma vez que aprender uma língua é vivê-la, olhando para ela como um todo, incluindo a sua cultura e as suas manifestações artísticas.

Anteriormente definimos arte como sendo uma forma de expressão, como um registo histórico e como um dinamizador do pensamento crítico. Deste modo, podemos considerar a arte, também, como uma ferramenta didática ao serviço do ensino.

Embora seja clara a importância da arte numa perspetiva sociocultural, seria redutor limitar a sua importância apenas a essa esfera. Assim e de acordo com Duarte Júnior (1991), citado por Nascimento (2012), a arte atua em três dimensões distintas: “a sociocultural, que aponta o pensamento artístico como causa da preservação da cultura de um determinado grupo social num determinado tempo; a dimensão currículo – a escolar, na qual a arte como área específica leva o aluno a estabelecer conexões com outras disciplinas do currículo – a Geografia e a História, por exemplo; e a dimensão psicológica, que observa a educação em arte como promotora de um pensamento capaz de fazer com que o indivíduo possa relacionar-se com outros levando em conta uma maior afetividade, além do desenvolvimento da criatividade.”

A relação entre a arte e a educação não é uma ligação recente nem uma tendência das sociedades contemporâneas. Por exemplo, ao olharmos para a história é impossível ignorar o filósofo *Platão*, apontado por muitos como sendo o primeiro pedagogo da humanidade. Na sua obra *República*, *Platão* descreveu um sistema educacional extremamente complexo para o seu tempo, que tinha como finalidade formar cidadãos. Para o autor o objetivo da educação não é apenas a aquisição de conhecimentos, mas a formação moral do ser humano. De acordo com Malveira (2010) a arte assume um papel imprescindível nesta formação: “Arte, dizia Platão, é aquela que educa e orienta os jovens para a formação de uma sociedade sábia, livres da depravação moral. É necessário que a educação comece desde a infância, precedida de grandes cuidados, para que se prolongue durante a vida. Se o juiz julga a alma humana, aquilata seus defeitos e seus crimes, a condição primordial é ser íntegro, para que tenha a capacidade de sentenciar os delitos

alheios, então não pode ser contaminado pelos maus hábitos na juventude.”

Assim e entendida a relação próxima entre a arte e o ensino, cumpre-nos refletir sobre a pertinência da arte enquanto dinamizadora de aprendizagem da aula de língua estrangeira.

A arte, enquanto recurso didático em sala de aula, permite aos alunos, complementar a aprendizagem da língua estrangeira com a paixão, a intuição e a subjetividade envolvidas na apreciação, na interpretação ou na criação de uma obra, desenvolvendo assim o seu pensamento crítico.

Afirmar que aprender uma língua estrangeira se resume ao estudo formal da língua seria muito redutor. Quando aprendemos uma língua estrangeira existem várias dimensões a considerar como a dimensão gramatical, a dimensão lexical e a dimensão cultural. Aprender uma língua estrangeira é também conhecer a sua cultura, as suas gentes, os seus movimentos artísticos e a sua geografia. Por isso é tão importante que o professor de língua estrangeira fomente a interdisciplinaridade, o plurilinguismo e a inclusão complementado a aprendizagem dos alunos e enriquecendo a sua formação enquanto seres humanos.

De acordo com *Ortuño* (1994), a obra de arte, em particular a pintura é muito pertinente: *“because each picture serves as a window opening onto an authentic view of human experience, paintings lend themselves well to the teaching of language and culture, along with history, literature, and art itself”*. A autora defende que a pintura alarga os horizontes dos alunos, abrindo uma janela para o mundo, gerando sentimentos e obrigando à formulação de opiniões.

A arte, como mencionamos anteriormente, é subjetiva e cada aluno irá ter a sua perceção e irá reagir de acordo com os *inputs* que recebeu. Ora, não existindo turmas homogéneas nem havendo a possibilidade de padronizar a interpretação da arte, a partilha de sensações, opiniões e perceções irá tornar a aprendizagem mais rica, impulsionando o desenvolvimento a capacidade do aluno de interpretar e se expressar em língua estrangeira. *Ortuño* salienta que comparar duas obras de arte distintas poderá ser uma excelente opção, incentivando os alunos a desenvolverem as capacidades comunicativas e de observação.

A língua é uma manifestação cultural e é por isso indissociável da cultura. É relevante refletir sobre esta articulação, uma vez que os conteúdos culturais podem fazer a ponte com todos os outros e ainda fomentar a interdisciplinaridade.

Todas as obras de arte que reflitam a língua estrangeira em estudo, e utilizadas em contexto de sala de aula, constituem um material autêntico artístico, um material real que se distancia de todos os manuais e materiais construídos para as aulas de língua estrangeira, afastando muitas vezes os alunos da realidade. Estas obras de arte irão interligar a aprendizagem formal da língua estrangeira como o mundo e em concreto com a cultura do país de onde a língua em estudo é oriunda.

Revela-se pertinente refletir sobre os critérios usados para a escolha de material artístico, sendo essencial ter em consideração a idade, o nível de conhecimento linguístico e artístico, os objetivos pedagógicos a atingir e as necessidades educativas dos alunos.

Um critério relevante e a ter em consideração na escolha dos materiais prende-se com a pertinência e com a sua aplicabilidade. Assim, o professor deve aferir da qualidade da obra artística, tendo em consideração que atendendo à subjetividade do conceito arte, existem movimentos artísticos que numa determinada época não foram aceites/reconhecidos e que posteriormente foram reconhecidos como arte, como por exemplo o graffiti. Estas manifestações artísticas podem ser um fator motivador para o processo de ensino aprendizagem.

Importa referir que a escolha das obras artísticas a apresentar aos alunos com fins pedagógicos devem ser as mais diversificadas possíveis fomentando o interesse pela diversificação cultural.

O plurilinguismo e o multiculturalismo podem favorecer inquestionavelmente o uso da arte enquanto recurso na sala de aula de língua estrangeira, promovendo a análise comparativa entre as diferenças culturais, contribuindo para uma formação plural inclusiva e reflexiva: *“rather than emphasising the knowledge of cultures, one should value the capacity and skills of a conscious analysis”* (Byram, 1997).

Assim sendo, e tendo em consideração o supracitado, entendemos que o aluno fica perante uma oportunidade de refletir sobre si, sobre a sua cultura, sobre a diversidade e sobre o multiculturalismo.

A arte, enquanto recurso didático, destaca-se pela sua expressividade e abrangência, potenciando a análise, a reflexão e a estruturação de opiniões, como defende Pedrigão (1981): “A Educação Artística poderá contribuir para corrigir e minorar as perturbações de ordem individual e social existentes no mundo moderno: o risco da perda da identidade nacional, os males da sociedade de consumo, [...] os perigos da passividade e de falta de espírito

crítico. Tal como a concebemos, a Educação Artística, deve assegurar a transmissão de valores humanistas, espirituais e estéticos que a arte incarna. No seu conceito cabem a Educação pela Arte, a Arte na Educação e a Educação para a Arte.”

Consideramos assim que a arte enquanto recurso utilizado na aula de língua estrangeira, contribui, não só para a aprendizagem linguística, lexical e cultural, como também para a formação moral e pessoal do ser humano, através do desenvolvimento do espírito crítico relativamente a elementos de ordem pessoal, social, cultural e estética, que potenciam o autoconhecimento e o conhecimento das sociedades que o rodeiam, educando assim para a diversidade.

3.1.2 - O cinema enquanto potenciador da aquisição de conteúdos culturais

A palavra cinema é uma abreviatura da palavra cinematógrafo, uma invenção dos irmãos *Lumiere* no final do século XIX que permitiu animar imagens estáticas, revolucionando para sempre a história do mundo. Desde então o cinema tem assumido diversos papéis na sociedade tais como o de entretenimento, o informativo, o de registo histórico ou o pedagógico.

Este trabalho tem como enfoque teórico a potencialidade da arte como dinamizador da aprendizagem da língua estrangeira, o que posiciona o cinema como um recurso didático ao serviço do ensino.

O cinema é vulgarmente reconhecido como sendo a 7^a arte, O termo "sétima arte", foi criado por *Ricciotto Canudo* no "*Manifesto das Sete Artes*", (publicado em 1923).

De acordo com o manifesto as 7 artes eram:

- 1^a Arte - Música (som);
- 2^a Arte - Artes cénicas (Teatro/Dança/Coreografia) (movimento);
- 3^a Arte - Pintura (cor);
- 4^a Arte - Escultura (volume);
- 5^a Arte - Arquitetura (espaço);
- 6^a Arte - Literatura (palavra);
- 7^a Arte – Cinema (imagem animada).

Como já foi referido anteriormente neste relatório, arte na sua globalidade é

sem dúvida um potenciador de aprendizagem da língua estrangeira, concretamente na aquisição de conteúdos culturais. No entanto de acordo com *Fernández Sebastián*, (Sebastián 1989), “o cinema deve ocupar nos centros educativos o lugar que lhe corresponde como facto cultural de primeira importância, tratando de fazer desaparecer o carácter que se lhe atribui de mero entretenimento e ressaltando os seus valores educativos e culturais.” Partindo desta premissa, proponho-me salientar a importância pedagógica do cinema no contexto de sala de aula enfatizando as suas potencialidades na aquisição de conteúdos culturais pelo aprendente de uma língua estrangeira.

Como também já supra ficou dito, todas as manifestações artísticas são validas e pertinentes não só pela sua subjetividade como pelo seu valor histórico e cultural, representando materiais reais que podem favorecer o processo de ensino aprendizagem de uma língua estrangeira.

A pintura pode ser usada como recurso didático, estimulando a interpretação da obra o que poderá favorecer inquestionavelmente a oralidade e a aquisição de conhecimento, articulando-a com outras áreas do saber.

A musica traduz-se não só pela melodia, como também pelo poema e pelas palavras das suas letras. Ora, ao posicionar a musica como um recurso didático, verificamos esta poderá servir para estimular competências como a audição e a interpretação e ainda servir como exercício de consolidação de conhecimentos na aula de língua estrangeira.

Manifestações artísticas como a fotografia, a animação e o graffiti, poderão servir de força motriz para alavancar a motivação dos alunos uma vez que representam a arte urbana, aproximando o sistema de ensino/aprendizagem do quotidiano e dos interesses dos alunos.

O uso do cinema enquanto ferramenta didática em contexto de sala de aula é relativamente recente, e tem sido visto por muitos como apenas uma forma de distração dos alunos, banalizando por completo a sua pedagogia e aplicabilidade. No entanto, estudos mais recentes sobre o uso do cinema como ferramenta didática, apresentam argumentos contrários a esta ideia, posicionando-o como um elemento imprescindível.

De acordo com *Asensi Santos* “os filmes atraem os estudantes de línguas estrangeiras pelo seu enorme poder de contar histórias e conseqüentemente de entreter, mas também pela sua importante carga afetiva que permite ao indivíduo sentir-se relaxado nos filmes. A combinação de elementos sonoros, visuais e linguísticos que definem o discurso cinematográfico estimula os sentidos e as faculdades cognitivas ao mesmo tempo. E, finalmente, o cinema

contextualiza como nenhum outro recurso autêntico o uso da linguagem e dos expoentes culturais de um determinado país ou região e por isso torna-os mais acessíveis aos aprendizes” (Santos Asensi, 2007, 3). Assim sendo, cumpre ao professor de língua estrangeira aplicar esta ferramenta da maneira mais correta. E embora seja hoje reconhecido todo o potencial do cinema enquanto ferramenta didática, é muito importante também definir o contexto pedagógico em que vai ser usado e o que se pretende alcançar com esta ferramenta. Aqui surge o maior desafio do professor: verificar os requisitos de aplicabilidade do filme. É extremamente importante ter em consideração a idade dos alunos, o seu nível linguístico, o enquadramento do filme nos conteúdos a ministrar e sobretudo eleger atividades de acompanhamento da visualização do filme, de forma a consolidar e orientar os alunos até à aprendizagem.

Quando um professor decide levar um filme para a sala de aula é fulcral que identifique claramente o que pretende abordar com a visualização: o filme como uma forma de entretenimento; como obra em si; como suporte para trabalhar um aspeto específico (lexical, cultural ou gramatical). Todos estes requisitos se devem interligar de forma a tecerem uma harmonia entre a turma o professor e os conteúdos integrantes do currículo da disciplina de língua estrangeira.

De acordo com as orientações curriculares previstas para a língua estrangeira no terceiro ciclo, a finalidade do programa centra-se nos seguintes pontos:

- Proporcionar o contacto com outras línguas e culturas, assegurando o domínio de aquisições e usos linguísticos básicos;
- Favorecer o desenvolvimento da consciência de identidade linguística e cultural, através do confronto com a língua estrangeira e a(s) cultura(s) por ela veiculadas;
- Promover a educação para a comunicação enquanto fenómeno de interação social, como forma de incrementar o respeito pelo(s) outro(s), o sentido de ajuda e da cooperação, da solidariedade e da cidadania;
- Promover o desenvolvimento equilibrado de capacidades cognitivas e socio-afetivas, estético culturais e psicomotoras;
- Promover a estruturação da personalidade do aluno pelo continuado estímulo ao desenvolvimento da autoconfiança, do espírito de

iniciativa, do sentido crítico, da criatividade, do sentido da responsabilidade, da autonomia;

- Fomentar uma dinâmica intelectual que não se confine à escola nem ao tempo presente, facultando processos de aprender a aprender e criando condições que despertem o gosto por uma atualização permanente do conhecimento.

Tendo em consideração os pontos elencados acima, concluímos que o uso da arte e em particular o cinema, dá uma resposta diferenciada, interligando as várias dimensões da aprendizagem da língua estrangeira e posicionando a tónica da aprendizagem no desenvolvimento de competências e, em especial, no desenvolvimento da comunicação.

O uso do cinema aproxima os alunos da realidade da língua estrangeira e conseqüentemente das suas culturas. De acordo com *Isabel Santos e Alfonso Santos (2002)* “a ficção cinematográfica permite observar o uso da linguagem em situações reais de comunicação. Porque os fragmentos selecionados mostram a forma em que interatuam os falantes nativos; ou seja, a forma como vivem e se relacionam. Porque aprender uma língua é também descobrir os valores culturais da sociedade que a fala, aproximar-se a outras formas de vida e reconhecer o valor das próprias; e o cinema permite-nos estabelecer essa ponte necessária entre língua e cultura”.

O cinema abre uma porta para o imaginário, dá aos alunos a oportunidade de vivenciar experiências, lugares, gastronomias, músicas e apresenta uma panóplia de recursos que enriquecem inquestionavelmente a aprendizagem. O cinema estimula ainda o pensamento crítico, havendo a possibilidade de interligar várias disciplinas, promovendo o plurilinguismo, a multiculturalidade e a inclusão.

“A movie is not a movie, it is a potential nuclear furnace of inspiration, courage and conscience.” – Abhijit Naskar, The Film Testament.

Ensinar é uma atividade polimorfa, uma vez que assume diversas formas. Os intervenientes no processo de ensino/aprendizagem devem adaptar os seus objetivos e criar condições para que todo o processo seja frutífero. Não podemos dizer que o papel do professor, neste caso em concreto o de língua estrangeira, se resume à transmissão de conhecimentos. As práticas pedagógicas alvo de estudo deste relatório foram desenvolvidas à Luz da

política educativa do ministro Nuno Crato, que estipulou metas curriculares assentes na transmissão de conhecimentos, posicionando o professor como um canal de transmissão de conteúdos e o aluno como um recetor. Estas metas tinham como principal objetivo a transmissão do maior número de conteúdos num período de tempo mesurável. Esta política educativa contrapõe o exposto neste relatório, o qual defende um ensino centrado no desenvolvimento de competências, numa perspetiva construtivista de aprendizagem da língua estrangeira, estimulando o desenvolvimento do pensamento crítico, a inclusão e o plurilinguismo.

A problemática deste relatório centra-se no uso da arte como dinamizador da aprendizagem da língua estrangeira, especificando o uso do cinema como potenciador da aquisição de conteúdos culturais.

De acordo com as orientações curriculares para o ensino da língua estrangeira no terceiro ciclo, os conteúdos a ministrar devem atuar junto dos seguintes domínios:

- Compreensão oral;
- Expressão oral;
- Compreensão escrita;
- Reflexão sobre a língua e a sua aprendizagem;
- Aspectos socioculturais.

A arte e em particular o cinema, revela-se numa mais valia na aquisição de conteúdos culturais e como tal a parte empírica deste trabalho será desenvolvida tendo por base as minhas práticas pedagógicas, e todo o raciocínio realizado aquando da sua implementação na sala de aula. Irei centrar a minha questão de investigação no uso da arte no contexto de aprendizagem e em particular do cinema na aquisição de conteúdos culturais na aula de língua estrangeira.

Capítulo IV



“You have plenty of courage, I am sure,” answered Oz. “All you need is confidence in yourself. There is no living thing that is not afraid when it faces danger. The true courage is in facing danger when you are afraid, and that kind of courage you have in plenty.”

– L. Frank Baum, The Wonderful Wizard of Oz

4.1 The cowardly lion

Um caminho pelos meadros da prática educativa

O cowardly lion é outra das personagens do livro *O Feiticeiro de OZ*, escrito por *Frank L. Baun* e que inspira este relatório. Esta personagem é representada por um leão africano que contrariamente ao que seria espectável, não é corajoso. De facto, a sua insegurança não lhe permite que a sua coragem o guie. Esta personagem percorre a estrada de tijolos amarelos em busca da coragem que julga não ter dentro de si. No entanto, com o evoluir da história e consequentemente com o amadurecer do seu carácter, concluimos que “the true courage is in facing danger when you are afraid”.

Escolhi esta personagem para ilustrar o quadro empírico deste trabalho, associando o conceito de coragem às minhas práticas educativas supervisionadas. Sendo certo que tais momentos representaram grandes desafios, a coragem foi fundamental para levar alcançar com sucesso os objetivos que ao longo da minha *yellow brick road* me foram sendo propostos.

Como já foi explorado anteriormente neste relatório, o perfil do professor de língua estrangeira é um elemento fulcral no processo de ensino e de aprendizagem de uma língua estrangeira. Deste modo considero muito pertinente salientar a importância da coragem face às adversidades que todos os dias surgem em contexto de sala de aula.

O contexto educativo, e em particular o contexto de sala de aula, tem sofrido mudanças significativas ao longo dos últimos anos, verificando-se uma adoção progressiva das novas tecnologias de informação e comunicação. Atendendo aos novos estímulos sociais e tecnológicos, o papel do professor adquire um novo grau de exigência e, por isso, requer coragem para aceitar os desafios que surgem constantemente, promovendo, por um lado, um ambiente de sala de aula mais saudável e, por outro, combatendo o desinteresse dos alunos, os problemas de comportamento e as dificuldades de aprendizagem da língua estrangeira.

Um ponto muito importante com o qual todos os professores se debatem é a necessidade de acompanhar as políticas educativas, o que por vezes acaba por condicionar a sua prestação em sala de aula, obrigando a uma constante adaptação do perfil do professor às metas exigidas.

Neste capítulo pretendo explorar a minha prestação enquanto professor e

aprendente no decorrer das minhas Práticas Pedagógicas Supervisionadas e analisar a evolução do meu pensamento à luz dos temas fulcrais deste relatório.

4.2 Metodologia de análise

Partindo de um pressuposto de Investigação Ação e com o intuito de analisar as minhas práticas Pedagógicas Supervisionadas, defini como metodologia a análise qualitativa, partindo de um trabalho de análise documental, que dividi em três fases: num primeiro momento, começo por analisar todas as minhas planificações, diários de bordo e relatórios de estágio e procuro encontrar a minha linha orientadora como professor reflexivo e sensibilizado para a arte, ao contextualizar as minhas Práticas Educativas I, II e III, explorando igualmente as expectativas e dificuldades com que me deparei e relatando as estratégias que usei para mitigar os meus pontos fracos; num segundo momento, faço uma análise de todos os trabalhos desenvolvidos ao longo das unidades curriculares do mestrado e dos fundamentos que me levaram a pensar e a enquadrar a minha atuação face à política educativa então em vigor, contrapondo-a com a atual; numa terceira fase, analiso cuidadosamente o questionário realizado a uma turma do 9º ano, no âmbito da minha Prática Educativa Supervisionada III, por o mesmo ter sido propositadamente usado na altura, para demonstrar a importância do cinema como ferramenta didática em contexto de sala de aula.

Não é demais realçar que a ideia da elaboração desse questionário surgiu – além do meu próprio interesse pelo cinema – por, na altura de realização das minhas Práticas Pedagógicas Supervisionadas, ter frequentado vários ciclos de cinema em contexto educativo no decorrer do mestrado.

De facto, numa fase primária da elaboração deste trabalho de investigação o cinema assumiu um papel preponderante e foi a minha primeira escolha como tema de investigação. No entanto, com o passar do tempo, decidi alargar o âmbito do tema do presente relatório à arte, numa visão holística.

Após a análise documental irei realizar uma reflexão crítica que me vai permitir compreender a evolução do meu pensamento enquanto professor no decorrer das minhas Práticas Pedagógicas Supervisionadas, dando-me uma linha orientadora para o meu futuro enquanto homem e professor reflexivo.

Em suma, mais do que uma metodologia, a investigação ação assume um papel preponderante na atividade docente, uma vez que fomenta a consciência

crítica do professor através do seu autoconhecimento e da reflexão sobre as suas práticas, contribuindo assim para uma melhoria da sua performance em contexto de sala de aula.

5. Práticas Educativas Supervisionadas

5.1 Expectativas face às Práticas Educativas Supervisionadas

A entrada neste mestrado profissionalizante veio consolidar as minhas expectativas de oficializar a minha posição como professor de língua estrangeira.

A minha carreira enquanto docente começou em forma de desafio que abracei cegamente, imputando-lhe uma carga autodidata muito grande, valorizada com a experiência que fui adquirindo a cada dia e com o estudo intensivo que realizava para aperfeiçoar e desenvolver estratégias que me permitissem alcançar melhores resultados na relação pedagógica que estabelecia com os meus alunos.

As minhas expectativas face às práticas educativas supervisionadas foram sempre as mais altas possíveis, de tal forma que cedo reconheci que eram o meio próprio para começar a fazer o meu caminho enquanto docente acompanhado e orientado por profissionais que admirava e a quem reconhecia uma grande experiência pedagógica, como o caso do Professor Américo Dias, do Professor Bernardo Canha e da Professora Marta Saracho. Estes professores através das suas unidades curriculares e das conversas formais e informais fizeram-me ver o ensino com outros olhos.

O mote com que parti para as minhas práticas educativas supervisionadas foi:

“Ensinando, aprende-se.”

Sêneca

No decorrer das minhas práticas educativas supervisionadas tive a oportunidade de intervir junto dos primeiro, segundo e terceiro ciclos do ensino básico, o que se traduziu, sem dúvida alguma, numa motivação e num desafio. Isto porque, à data, ainda não tinha tido um contacto formal com os primeiro e segundo ciclos.

5.2 Caracterização do contexto sócio educativo das minhas práticas pedagógicas supervisionadas.

No âmbito do Mestrado em Ensino do Inglês Francês e Espanhol no Ensino Básico, tive a oportunidade de desenvolver as minhas Práticas Educativas I, II e III, no decorrer dos anos letivos de 2012/2013 e 2013/2014.

No decorrer destas unidades curriculares tive a oportunidade de intervir junto de contextos educativos muito diferentes e plurais o que permitiu que a minha experiência pedagógica fosse mais rica e consequentemente o meu crescimento enquanto aluno, professor e homem tivesse sido maior.

5.2.1 Prática Educativa I

A minha Prática Educativa I foi realizada num colégio católico que associa os valores religiosos ao ensino, o qual, doravante, e por questões de anonimato, irei denominar como Centro de Estágio I. Tratava-se de um estabelecimento de ensino privado e cooperativo de utilidade pública, que recebia alunos de contextos sociais desfavorecidos.

Este estágio teve a supervisão do Professor Doutor Américo Dias e a colaboração de uma professora cooperante muito enérgica, dinâmica e expressiva, que me ajudou a ver o primeiro ciclo com outros olhos e a interpretar a música em contexto de sala aula de uma maneira totalmente nova.

A minha prática pedagógica teve início no dia 25 de fevereiro e terminou no dia 28 de junho do ano letivo de 2012/2013. Nesse período, acompanhei as quatro turmas do primeiro ciclo do colégio e tive intervenção nas aulas e nas atividades dessas mesmas turmas, sempre que me foi permitido. Durante uma semana, juntamente com o meu grupo de estágio, desenvolvi uma atividade de sensibilização para a língua estrangeira, que decorreu nos períodos de intervalo.

5.2.3 Prática Educativa II

A minha Prática Educativa supervisionada II foi desenvolvida em duas escolas diferentes, o que me permitiu ter contacto com duas realidades também elas distintas, fator que, mais uma vez, de forma inequívoca, contribuiu para o enriquecimento do meu percurso enquanto professor estagiário.

Realizei a minha Prática Educativa Supervisionada na disciplina de Inglês intervindo diretamente junto do segundo ciclo, acompanhando a turma do 5º C, do Centro de Estágio II no decorrer do ano letivo de 2013/2014.

O meu Centro de Estágio II situa-se no concelho do Porto, numa zona privilegiada junto ao mar. Essa área geográfica que hoje em dia é cada vez mais uma zona de comércio, é fundamentalmente um espaço residencial, onde coexistem extratos sociais muito diversificados e onde a habitação de luxo contrasta com a habitação social. De facto, em certas zonas, os bairros camarários coexistem, lado a lado, com habitações de luxo e a vida quotidiana bairrista convive com infraestruturas de destaque internacional.

A escola pertence a um agrupamento TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritário) e como tal assume todas as características que lhe estão associadas: há uma maior autonomia e flexibilidade na gestão dos seus recursos e atentas as necessidades muito próprias da comunidade de alunos, há um especial cuidado na definição das estratégias pedagógicas, com a participação de diferentes profissionais (gestores escolares, professores e psicólogos).

Em concreto, os alunos deste agrupamento provêm, na sua maioria, de famílias carenciadas, com problemas sociais e falta de competências culturais. Tais fatores refletem-se no comportamento dos alunos na escola, os quais demonstram, muitas vezes, uma grande falta de expectativa e pouco empenho. Desta forma, a falta de interesse pela formação, a falta de assiduidade, a indisciplina e os consequentes insucesso e o abandono escolares, são ainda problemas com os quais o agrupamento se depara. Quase todos os dias há incidentes disciplinares.

A população discente era na altura constituída por crianças e jovens entre os 3 e os 20 anos, num universo de 767 alunos, sendo 47% do sexo feminino e 53% do sexo masculino.

Outro dos problemas com os quais o agrupamento se debatia na altura, era o elevado número de alunos sinalizados com necessidades educativas

especiais. De facto, existiam referenciados um elevado número de alunos, de encarregados de educação e até de famílias para serem acompanhados a nível psicológico, social e educativo. Tais alunos apresentavam problemas de carácter emocional, comportamental e de desenvolvimento, com repercussões negativas ao nível do sucesso escolar.

Salientam-se, como aspetos mais frequentemente sinalizados, ao nível psicológico, a instabilidade emocional, a hiperatividade e as dificuldades de aprendizagem, resultantes de défices cognitivos; ao nível social, a desresponsabilização parental, o elevado absentismo escolar e as carências socioeconómicas; ao nível socioeducativo, a violência, o *bullying* e o incumprimento de normas e regulamentos.

A turma do 5ºC

A turma do 5ºC era inicialmente constituída por 16 elementos. No entanto, aquando a minha intervenção, ela era apenas constituída por 10 alunos: 8 rapazes e 2 raparigas, sendo que dois deles já eram repetentes no quinto ano de escolaridade. Também no decurso da minha intervenção, uma das alunas deixou a turma porque foi institucionalizada.

O 5ºC era um grupo muito heterogéneo, com acentuadas diferenças de conhecimentos e de comportamento e alguns dos seus alunos provinham de escolas diferentes. Apenas alguns deles já tinham tido Inglês enquanto AEC (Atividade de Enriquecimento Curricular), havendo por isso, dois níveis de conhecimentos muito diferentes. Assim, o que para uns era uma novidade, para outros era apenas um relembrar de conteúdos.

O 5ºC era uma turma muito conflituosa e os alunos tinham bastante dificuldade em interagir uns com os outros, sem que houvessem focos de problemas. Dentro do grupo havia uma competição bairrista muito grande e os alunos demonstravam-no das mais variadas formas. Lembro, com especial relevo para a demonstração do que ficou dito, que eram frequentes e graves os conflitos que advinham do facto de muitos deles escreverem nas capas dos cadernos diários o nome do bairro onde viviam.

Os alunos, que eram muito distraídos e apresentavam grandes dificuldades de aprendizagem, respondiam, porém, de forma satisfatória ao comando da Professora Cooperante. O facto de serem uma turma pequena permitia uma abordagem mais individualizada, o que igualmente diluía o impacto daqueles fatores desestabilizadores.

No que diz respeito ao Inglês, salvo algumas exceções, o grupo apresentava resultados muito fracos. De uma maneira geral, os alunos apresentavam muitas dificuldades em falar na língua meta e, por isso, na maior parte das vezes, recorriam ao Português para se expressarem. No tempo em que observei a turma, comprovei, no entanto, algumas melhorias a esse nível, nomeadamente porque havia um esforço acrescido pelo facto de existir um outro professor dentro da sala de aula, o que parecia muitas vezes motivar os alunos.

A minha Prática Educativa II foi complementada com a minha intervenção junto de uma turma do 9º ano, na disciplina de Espanhol, numa escola que irei denominar (mais uma vez pela questão da obrigatoriedade de anonimato) como Centro de Estágio III.

Este agrupamento de escolas situa-se no concelho de Lousada e insere-se na região do Vale do Sousa, que é constituída e limitada por concelhos fortemente industrializados, com sectores de atividade bastante específicos, como os do vestuário, dos têxteis, do calçado, do mobiliário e das madeiras. No entanto, é também uma zona ainda muito rural, onde predomina a agricultura tradicional.

Com uma população de quase 45 mil habitantes, Lousada é um concelho com uma densidade populacional elevada e com uma estrutura etária muito jovem. Na região existe uma grande taxa de desemprego e as famílias atravessam dificuldades financeiras.

A escola onde desempenhei a minha intervenção pedagógica tinha sofrido um grande processo de requalificação, e naquele momento estava já completamente equipada e preparada como qualquer escola de primeira linha.

Ao entrar nas suas instalações comprovava-se com facilidade o que ficou dito: o espaço era novo, espaçoso e, por isso, muito agradável.

No entanto, de acordo com o que na altura me foi transmitido pela Professora Cooperante e com o que pude, entretanto, perceber, como todas as outras escolas, também esta tinha problemas e necessidades próprias, dos quais se destacam os seguintes:

- Abandono escolar muito precoce, ao nível do ensino secundário;
- Falta de envolvimento dos Encarregados de Educação na implementação de medidas educativas conducentes à redução do insucesso escolar;
- Precariedade social e cultural do ambiente familiar de alguns dos alunos do Agrupamento, assente muitas vezes, em graves dificuldades económicas;
- Falta ou reduzida oferta de percursos alternativos de educação para jovens

e adultos.

Caracterização da turma do 9ºI

A turma do 9º I era constituída por 23 alunos: 13 rapazes e 13 raparigas. Era, mais uma vez, um grupo muito heterogéneo, com interesses muito díspares e com atitudes muito diferentes. Os seus alunos apresentavam um desnível muito grande face ao domínio da língua estrangeira Espanhol.

Das primeiras impressões que tive, recorro sem dificuldade, uma turma com problemas de disciplina, e alunos com atitudes displicentes, desinteressadas e perturbadoras. A distração era uma constante e era frequente haver castigos ou convites para abandonar a sala de aula. Havia muita competitividade – nem sempre pelas melhores razões – e era frequente haver discussões por problemas alheios ao contexto de sala de aula.

Os resultados na disciplina de Espanhol não eram os melhores, havendo vários níveis negativos. O maior problema que identifiquei foi, sem dúvida, o desinteresse dos alunos face ao estudo.

Na minha primeira assistência, a professora cooperante fez uma prova oral e grande parte dos alunos nem sequer tentou responder às perguntas que eram formuladas, negando-se com um ar despreocupado. Esta atitude acabou por condicionar as notas de final de período e conseqüentemente alertar-me para a necessidade de criar estratégias pedagógicas diferentes e motivadoras, de forma a conseguir criar uma melhor relação de ensino aprendizagem com os alunos.

No que diz respeito ao estudo concreto da Língua Estrangeira Espanhol, os alunos apresentavam uma relutância muito grande em participar oralmente na língua meta, o que no meu entender se traduziu num desafio.

5.2.4 Prática Educativa III

A minha Prática Educativa Supervisionada III foi desenvolvida nas mesmas escolas em que desenvolvi a Prática Educativa Supervisionada II, a saber nos Centros de Estágio II e III, já identificados.

Assim, no agrupamento também já identificado, fiz a minha intervenção na disciplina de Inglês com a turma do 5º C, no Centro de Estágio II; no Centro de Estágio III fiz a minha intervenção na disciplina de Espanhol nas turmas do 9º I e do 7ºF.

No entanto, no Centro de Estágio III foi-me dada a oportunidade de intervir

numa outra turma do 7º ano do ensino básico, na disciplina de Espanhol, o que me permitiu acompanhar os dois últimos meses do ano letivo e adquirir ainda mais experiência no ensino do Espanhol.

Caracterização da turma 7ºF

A turma do 7ºF era constituída por um total de 27 alunos: 16 rapazes e 11 raparigas. Uma das alunas possuía dislexia e tinha critérios de correção distintos. Atendendo às suas características, eram um grupo muito diferenciado e heterogéneo, embora muito empenhado e muito interessado na aprendizagem da língua meta.

Recordo, em relação a essa turma, que se tratava de um grupo muito motivado e predisposto à aprendizagem da língua estrangeira, em clara dissonância com o que havia experienciado com a turma do 9ºI.

Os alunos do 7º F realizavam todas as atividades com empenho e brio e o melhor exemplo disso foi a mostra de trabalhos que desenvolveram transversalmente com as outras línguas, para trabalhar os provérbios. Esses trabalhos foram realizados com muita criatividade e qualidade, tendo inclusivamente sido expostos no hall da escola para que toda a comunidade escolar os pudesse apreciar.

Ao nível do comportamento a turma não apresentava problemas relevantes. Os alunos, de uma maneira geral, eram muito interessados, calmos e respeitadores e estavam conscientes do seu papel na sala de aula.

No final, os resultados obtidos pelos alunos não foram na sua totalidade positivos. No entanto, recordo o seu esforço para comunicar na língua meta, embora nem sempre com facilidade.

5.3 Análise da Prática Educativa Supervisionada I

Hoje, ao analisar as planificações da minha Prática Educativa I à luz do tema do presente relatório, posso concluir, com humildade, que à data da minha primeira intervenção como professor estagiário no âmbito deste mestrado, a minha perceção sobre a importância de sensibilizar os alunos para a arte ainda não estava muito vincada. No entanto, é já notório, através das atividades propostas ao longo das seis planificações que compreenderam as Práticas Pedagógicas Supervisionadas I, que houve, desde logo, uma clara preocupação em estimular os alunos para o pensamento crítico e para a diversidade, usando recursos didáticos apelativos e plurais, assentes em

trabalhos manuais e em conceções conceptuais, de forma a criar um estímulo distinto do digital, preterindo dessa forma os recursos didáticos assentes nas novas tecnologias de comunicação e informação.

No decorrer da Prática Educativa I, houve a oportunidade de ministrar duas unidades didáticas a uma turma do terceiro ano do ensino primário, no meu Centro de Estágio I. Na primeira unidade didática (vd. Anexo I), que teve como tema as peças de vestuário, houve a necessidade de introduzir o vocabulário específico das peças de vestuário, articulando-o com o das cores e dos padrões.

Considerando que era a primeira vez que estava a lidar com alunos do primeiro ciclo, e consciente da especificidade deste público alvo, comprovo que a minha preocupação primordial foi cativá-los, de forma a estimular seu o interesse e a sua motivação.

Para alcançar os objetivos supramencionados foi definida uma estratégia assente em recursos didáticos apelativos e diferentes dos que hoje em dia são habituais. No entanto, creio ser clara a minha preocupação no sentido de os alunos fazerem as suas intervenções na língua meta, ao terem que descrever a sua roupa, usando o vocabulário próprio para o efeito e estimulando assim a sua perceção estética: “Students must be able to describe their own clothes. I am Wearing”.

De acordo com as reflexões constantes no meu diário de bordo e com os trabalhos desenvolvidos na unidade didática de *Multimédia no Ensino de Línguas*, é-nos possível compreender e concluir que os alunos nos dias de hoje são *Nativos Digitais*, ou seja, já nasceram estimulados pela tecnologia e estão completamente despertos e sensibilizados para os estímulos digitais, não representando estes de forma alguma uma novidade. Conclui-se também que os atuais professores e aprendentes são, por seu turno, *Mutantes Digitais*, uma vez que são obrigados a adaptar a sua prestação e formas de intervenção a essas mesmas novas tecnologias de informação e comunicação. Assim sendo, e de acordo com a minha linha de pensamento da altura, comprovada pelas minhas reflexões, havia uma clara necessidade de inovar, mesmo que isso representasse uma aparente regressão no tempo.

Por causa disso, na altura, recorro que o meu maior receio se prendia com o facto de que os professores e os alunos pudessem considerar o meu trabalho antiquado e pouco apelativo, atenta a falta de utilização e de contacto direto com os atuais recursos pedagógicos digitais, a saber, o quadro interativo, o computador e os *tablets*.

Embora receoso, decidi, porém, apostar em recursos didáticos assentes em trabalhos manuais que se assemelhavam a jogos e a brinquedos tradicionais. Nesse particular, não posso deixar de realçar que todos os recursos didáticos usados em contexto de sala de aula, durante a minha prestação, foram integralmente feitos por mim, assentes num cuidadoso trabalho manual, sempre com o sentido de evidenciar a parte criativa que deve ser inerente ao perfil do professor de língua estrangeira e de utilizar a Arte como fator diferenciador e dinamizador dos conteúdos de língua estrangeira.

Nesta unidade didática concebi dois *flashcards* em tamanho A3 (vd. Anexo II) representando um rapaz e uma rapariga e para cada um, havia um conjunto de peças de vestuários que podiam ser combinadas. Todas as imagens foram tratadas e escolhidas de forma a estimular a curiosidade e o pensamento crítico, apelando à igualdade de género, à diversidade e à pluralidade. Ao planificar atividade tentei recorrer a um conceito de *Paper Dolls*, para criar um momento lúdico no sentido de levar os alunos a interagir com os conteúdos (vd. atividade “students must identify the clothes and be able to say their names in English, and dress up the boy and the girl with the right clothes according to the weather” presente na minha planificação).

Enquanto aprendiz e docente, reconheço tanto no trabalho desenvolvido aquando as minhas práticas pedagógicas, como no meu desempenho atual, uma preocupação constante ao usar recursos didáticos diferenciados e complementares.

Sempre à luz do tema deste relatório, e do elenco dos recursos utilizados, seria impossível não referir a música, especialmente porque os alunos do primeiro ciclo estão quase sempre predispostos para a interação lúdica. Nesse âmbito, não deve perder-se de vista a atividade desenvolvida com o título “Teacher sings the song “Clothing Chant”, que além de permitir fomentar aquela interação lúdica, ajudou, de forma dissemelhante, os alunos a memorizar e a transportar os conteúdos ministrados em sala de aula para outras dimensões. Para conseguir alcançar esse objetivo, a minha planificação teve em conta a escolha criteriosa de uma música adequada ao tema, por forma a permitir articular e consolidar os conteúdos lexicais.

No meu entender, o recurso à música, no caso do primeiro ciclo, funciona sempre como uma motivação extra, direcionada para a consolidação e memorização dos conteúdos a estudar. De facto, ao aprender uma música, os alunos conseguem levar a aprendizagem para fora da sala de aula quando a cantam novamente, por exemplo, nos espaços de recreio ou em casa, ao socializar com os colegas ou com os familiares, estando dessa forma a

consolidar os conhecimentos que adquiriram previamente e até eventualmente a corrigir o *spelling*, como forma de impressionar os seus interlocutores.

Hoje ao refletir sobre esta unidade didática em particular, considero que as atividades propostas foram adequadas à realidade dos alunos e que as atividades descritas cumpriram com os objetivos de introdução de conteúdos lexicais, de memorização e de consolidação de conteúdos. No entanto, após o estudo desenvolvido ao longo deste relatório e fazendo uma ponte com a minha experiência profissional, considero que teria sido importante complementar aquelas atividades com outras como, por exemplo, a visualização de uma curta metragem de animação, que pudesse estimular os alunos a descobrir o tema, sensibilizando-os para o pensamento crítico de uma forma mais vincada e direcionada.

A segunda unidade didática que tive a oportunidade de ministrar no âmbito da minha Prática Educativa I, teve como tema as partes do corpo humano (vd. Anexo III). Para esta unidade adotei a mesma estratégia da primeira. De acordo com a minha linha de pensamento, descrita no diário de bordo, e considerando as diversas trocas de ideias com o Professor Américo Dias, na altura considerei que era muito importante promover novas atividades, que envolvessem movimento dentro da sala de aula, para estimular uma maior interação com e entre os alunos.

Da análise das planificações desta unidade didática, pode facilmente inferir-se que houve uma clara preocupação na definição de regras para um maior controlo da turma. Foram escolhidos exercícios de TPR, associando a música à dança de forma a estimular a coordenação motora dos alunos.

Inicialmente foi explorado o vocabulário com recurso a *Flashcards* e os exercícios de TPR serviram para consolidar conhecimentos.

Desta unidade didática destaco dois pontos que considero serem importantes para analisar à luz deste relatório:

1º- Para apoiar os exercícios de TPR foi criado um *Paper Doll* articulado (vd. anexo IV) que se movimentava por meio de elásticos e que respondia aos comandos de quem o manuseava, levando os alunos a repetir os seus movimentos. Este recurso didático, criado por mim e inspirado numa representação artística de um culturista dos anos 30, teve também como objetivo levar os alunos a alargar as suas perspetivas de tempo e de espaço, tendo em conta que se lhes perguntou quem seria o representado e porque estava assim vestido. Dessa forma considero, a atividade estimulou o

pensamento crítico e ajudou a promover a interdisciplinaridade. Hoje teria optado por criar um *Paper Doll* com características diferentes e menos convencionais, de forma a promover a aceitação pela diferença entre os alunos.

2º- o segundo ponto de relevo foi a criação de um jogo didático, tendo por base um tapete de twist, que permitiu aos alunos interagir entre si e responder aos comandos do professor, de acordo com as partes do corpo e com as cores do tapete.

5.3.1 Atividade Plurilingue

No decorrer da minha Prática Educativa I, foi-nos permitido, a mim e ao meu grupo de estágio desenvolver uma atividade plurilingue (vd. anexo V) a implementar no recreio da escola, para as diferentes turmas do primeiro ciclo. Este desafio foi encarado por todos os elementos do meu grupo de estágio, como uma oportunidade para analisar o comportamento dos alunos face à diversidade linguística e à predisposição para o plurilinguismo, a par com o respeito pela diversidade cultural e linguística existente no panorama europeu atual. Enquanto professores investigadores, depreendemos que os alunos que participaram na atividade plurilingue se mostraram muito recetivos aos diferentes idiomas, chegando mesmo a estabelecer paralelismos linguísticos entre as diferentes línguas trabalhadas.

Constituindo um fenómeno que tem vindo a emergir na nossa sociedade, o ensino de uma língua estrangeira em idade precoce traz muitas vantagens, destacando-se o desenvolvimento das capacidades linguísticas e do respeito pela cidadania e pelos valores e diferenças culturais.

Esta atividade esteve assente no lúdico, através da utilização de jogos tradicionais de diferentes países e permitiu trabalhar conteúdos como os meios de transporte, as cores, os números as nacionalidades e os países.

A atividade tinha por base imaginar uma volta ao mundo, com recurso a diversos meios de transporte. Em cada país onde paravam, os alunos eram convidados a realizar um jogo didático, com recurso a uma música nas diferentes línguas (Inglês, Francês e Espanhol), acompanhada com exercícios de TPR.

Hoje ao analisar esta atividade, penso que teria sido positivo enquadrar aspetos culturais diferentes, com recurso por exemplo à pintura. Teria sido interessante escolher uma obra realizada por um pintor de cada uma das nacionalidades e fazer um puzzle, de forma a que os alunos tivessem que

montar e identificar a pintura.

Em suma, ao realizar a análise documental, ao debruçar-me sobre as minhas planificações da Prática Educativa I e relendo os meus diários de bordo que me acompanharam ao longo de todo o processo e associando-os com os trabalhos realizados nas unidades curriculares neste mestrado, podemos concluir que desde cedo a minha consciência sobre o perfil do professor de línguas estrangeiras esteve muito presente, havendo uma clara e notória preocupação pelo plurilinguismo e para a sensibilização para a diversidade. De facto, ainda hoje em dia estes conceitos estão presentes não só no meu desempenho enquanto professor, mas também na minha consciência de homem e ser social.

Ao analisar os documentos acima mencionados à luz do tema deste relatório, concluo, no entanto, que poderia ter explorado muito mais o uso da arte e do cinema no contexto de sala de aula. De acordo com o trabalho que desenvolvi, a música foi a manifestação artística que mais usei durante a minha Prática Educativa I.

5.4 Análise da Prática Educativa II

Ao analisar as planificações de Prática Educativa II, as minhas reflexões e os trabalhos realizados no âmbito de presente mestrado e direcionando a abordagem documental ao tema do presente relatório, concluímos que existe uma evolução no meu pensamento enquanto professor.

Enquanto que na minha Prática Pedagógica I houve uma preocupação mais vinculada pelo plurilinguismo, pelo uso da música e sobretudo pelo perfil do professor de línguas estrangeiras, na minha Prática Educativa II para além dos pontos anteriormente identificados conseguimos comprovar uma preocupação pelo estímulo do pensamento crítico e pela diversidade e pluralidade em contexto de sala de aula.

A minha Prática Pedagógica II esteve repartida pelas disciplinas de Inglês e Espanhol e dividida entre o Centro de Estágio II e o Centro de Estágio III.

A minha intervenção na disciplina de Inglês foi realizada na turma do 5^oC, e nessa altura tive oportunidade de explorar duas unidades didáticas. A primeira teve como tema a Família, explorou conteúdos como o léxico inerente à temática e construções gramaticais simples e permitiu ativar a componente comunicativa.

Ao analisar os meus diários de bordo e as minhas reflexões, observo que havia uma clara preocupação em aproximar os alunos e incentivar o uso da língua estrangeira na sala de aula. De acordo com as planificações desta unidade (vd. Anexo VI), a estratégia era criar uma linha coerente que acompanhasse toda a unidade. Para o efeito, elegi a família Simpson para ser a “mascote” da unidade e com o intuito de levar os alunos a sentirem-se identificados e motivados. De acordo com a minha análise e estudo verifiquei uma falha que hoje considero muito grande, principalmente tendo em consideração o estudo desenvolvido no presente relatório: aquando a apresentação do vocabulário elegi várias fotografias de famílias que facilmente seriam identificadas como por exemplo o caso da família real Inglesa, mas não explorei a diversidade e pluralidade das famílias. Tendo em consideração o carácter reflexivo do perfil do professor de língua estrangeira, teria sido muito positivo ter apresentado exemplos de famílias monoparentais e homoparentais, de forma a levar os alunos a refletir sobre a diversidade quebrando assim algumas barreiras sociais, marcadamente presentes no contexto escolar.

Na segunda unidade didática o tema proposto era Describing People (vd. Anexo VII). Da sua análise pode comprovar-se uma consolidação dos conhecimentos e das preocupações identificadas no decorrer da Prática Pedagógica I. De acordo com a minha análise documental, havia uma notória preocupação de apresentar a diversidade racial e de culturas, levando a pluralidade e a diferença à sala de aula, sendo visível isso na minha planificação, na qual considero como um dos objetivos “Devolving group values and social skills”. Para isso foi adotada uma estratégia de *brainstorming*, levando os alunos a refletir sobre imagens que lhes foram apresentadas contemplando pessoas de diferentes partes do mundo, de diferentes culturas e com as mais variadas características físicas. No meu entender este é um ponto fulcral que todos os professores e educadores devem ter em consideração na preparação dos seus materiais pedagógicos: é imperioso educar para a diversidade.

De acordo com a linha de pensamento espelhada no meu diário de bordo e nas minhas reflexões, a arte seria uma maneira facilitadora de integrar o tema da descrição das pessoas. Para consolidar o vocabulário usei uma vez mais a estratégia da sobreposição de *Flashcards*. Dessa vez foram concebidos dois *Flashcards* em tamanho A3 (vd. Anexo VIII), um representando o futebolista David Beckham e outro representando a cantora Miley Cyrus, ídolos com os quais os alunos facilmente se identificaram. Para acompanhar estes *flashcards*

foram concebidos também outros mais pequenos, representando perucas de diferentes cores e formatos para que os alunos, sob as indicações do professor, montassem e criassem uma dinâmica de interação com o lúdico e com os conteúdos. Hoje consigo perceber que na realidade o uso das fotografias e da instalação artística a que deram origem, era apenas mais uma manifestação do meu interesse pela arte, associando esse interesse à pedagogia. Esta estratégia e este tipo de atividades revelou-se recorrente ao longo do meu percurso, indo de encontro à ideia já supra defendida de que atualmente, é necessário inovar e estimular os nativos digitais com novos estímulos.

A minha intervenção na disciplina de Espanhol no âmbito da minha Prática Pedagógica II incidiu sobre uma unidade didática sobre o mundo do trabalho (vd. Anexo IX) e foi ministrada a uma turma do 9º ano de escolaridade. De acordo com a análise documental realizada e principalmente do que resulta das reflexões que integram o meu relatório de estágio da Prática Educativa II, existia um interesse em apresentar o tema de uma forma mais formal. Verifica-se que em todas as planificações foi reservado um momento para um *brainstorming* e para uma reflexão final.

No decorrer desta unidade didática tentou estimular-se o gosto pela descoberta por parte dos alunos, tendo-lhes sido sempre apresentados elementos reais do quotidiano, dando prioridade a testemunhos também reais e ao uso da Realia em contexto de sala de aula. De facto, e de acordo com a reflexão contemplada no diário de bordo, foi apresentado um pequeno filme de um currículo vitae feito em vídeo, de forma a estimular os alunos para a diferença, dando-lhes assim um mote para com criatividade, criar o seu próprio currículo.

Considerando que se tratava de um grupo do 9º ano do ensino básico, houve uma preocupação em trazer para a sala de aula uma problemática social relacionada com o tema, sendo certo que de acordo com a minha linha de pensamento é muito importante que os alunos sejam sensibilizados para as condicionantes sociais de forma a serem mais inclusivos. Para isso, foi utilizada uma curta metragem que abordava a problemática do desemprego através de um relato feito por um pai de um aluno, aquando do dia das profissões na escola, de como era ser desempregado e de como, apesar disso, era importante não desistir de lutar. No final da visualização, foi apresentado aos alunos um questionário acerca da temática da curta metragem a que tinham acabado de assistir e da posterior análise das respostas resultou um claro interesse no vídeo. De salientar ainda que no final da aula, quatro dos alunos da turma em questão solicitaram-me que disponibilizasse a curta

metragem, para poder mostrá-la a outros colegas que não tinham a disciplina de Espanhol. Essa atitude levou-me a orientar a minha linha de pensamento no sentido do recurso ao cinema e à imagem animada enquanto facilitadores de aquisição de conteúdos lexicais na aula de língua estrangeira.

Em suma: ao realizar um olhar retrospectivo da minha Prática Educativa Supervisionada II, e olhando de uma forma holística para todos os documentos analisados, conseguimos encontrar uma evolução no pensamento enquanto docente e uma consolidação do perfil do professor de língua estrangeira, associando o plurilinguismo e a pluralidade às diferentes manifestações artísticas enquanto fatores dinamizadores da aprendizagem.

5.5 Análise da Prática Educativa Supervisionada III

A minha Prática Educativa Supervisionada III foi realizada nas mesmas escolas: Centro de Estágio II e Centro de Estágio III.

A minha intervenção na disciplina de Inglês foi realizada no Centro de Estágio II, na turma do 5ºC, com a qual já havido tido interação durante a realização da minha Prática Pedagógica Supervisionada II, o que permitiu consolidar a relação pedagógica desenvolvida até então.

Durante a minha Prática Educativa Supervisionada III tive a oportunidade de ministrar sete tempos letivos à turma do 5ºC.

Partindo da análise documental realizada no âmbito deste relatório, é possível, mais uma vez, verificar uma evolução no meu pensamento enquanto professor reflexivo, por existir uma maior preocupação para a integração de elementos artísticos nas minhas planificações.

A minha intervenção nesta disciplina em concreto teve um enfoque sobre duas unidades didáticas, a saber, *The Body Parts* e *The Hobbies* e uma aula especial comemorativa do *Saint Patrick's Day*.

Da intervenção realizada ao longo das sete aulas, começamos por analisar à luz do tema deste relatório a aula dedicada ao *Saint Patrick's Day* (vd. Anexo X).

De acordo com o que podemos comprovar pela análise documental, o objetivo primordial desta aula era apresentar os conteúdos culturais inerentes à celebração do *Saint Patrick's Day*. Desse modo, foram utilizados recursos didáticos para estimular os alunos a refletir sobre a festividade e as suas especificidades. Inicialmente foram apresentadas diferentes imagens alusivas à festividade e foi solicitado aos alunos que as explorassem até encontrarem o

tema, como podemos comprovar com a atividade: “Warm up: teacher asks the students “what’s your favourite colour? “ and after says,” my favourite colour is green as you can see by my shirt” today we will talk about a very important holiday. “Anyone knows where is Ireland?” Teacher presents a map and shows where is Ireland.”, presente na planificação (vd. Anexo X).

Este tipo de atividade de acordo com a minha perspetiva passada e presente, permite aos alunos articularem o raciocínio e desenvolverem o seu pensamento crítico, ficando sensibilizados para a diversidade cultural e para a pluralidade linguística. Como se tratava de uma atividade lúdica, fazia todo o sentido explorar uma vertente mais artística dos alunos, dando-lhes a oportunidade para se exprimirem dessa forma. Assim, foi usado a fotografia enquanto ponto dinamizador, tendo sido colocada à disposição dos discentes uma máquina fotográfica Polaroid. Cada um deles foi fotografado a usar elementos relacionados com o tema e posteriormente as fotografias dos alunos foram expostas e usadas como decoração da sala de aula (vd. Anexo XI). Ao refletir hoje sobre esta atividade compreendo que é muito importante dar a oportunidade aos alunos para se exprimirem artisticamente de forma a poder desenvolver capacidades sociais e criativas.

Na primeira unidade didática abordada nesta disciplina, o tema estava relacionado com os *hobbies*. Partindo da análise documental realizada, entende-se que houve um cuidado especial em explorar *hobbies* associados às artes. Como atividade motivadora, optou-se uma vez mais por uma criteriosa seleção de imagens, uma vez que as mesmas representavam diferentes tipos de etnias, sensibilizando os alunos para a diversidade e para o plurilinguismo.

Como validação e consolidação de conhecimentos foi usado um episódio da serie norte americana *The Simpsons* contemplando uma musica pop da cantora Ke\$ha, dando deste modo o mote à realização de uma ficha de trabalho com preenchimento de espaços. Mais uma vez, esta atividade concentrou duas manifestações artísticas (a musica e a animação), o que, de acordo com o que se pretende demonstrar neste relatório, se traduz num fator diferencial e potenciador de aquisição de conhecimentos na aula de língua estrangeira.

A última unidade abordada na disciplina de Inglês no âmbito das minhas Práticas Pedagógicas III teve como tema *My Daily Routine* (vd. Anexo XII) e de acordo com a análise documental realizada, é possível compreender que nesta unidade em particular, houve um interesse de explorar os pontos tidos como tema de investigação do presente relatório.

As planificações desta unidade espelham essa preocupação através do uso de uma reprodução do quadro *A Persistência da Memória* do artista Salvador Dalí, para introduzir o tempo e explorar as horas.

De acordo com a minha linha de pensamento da altura expressa numa reflexão sobre o seminário “Hidden voices: Uncovering learners’ theories in the English Language classroom” (vd. Anexo XVII) também o quadro do Salvador Dalí foi uma voz silenciosa que despertou o interesse nos alunos.

De acordo com o meu diário de bordo era espectável que os alunos estranhassem o quadro e que o comentassem de uma forma leve e divertida. Ao apresentar uma nova visão da realidade, o objetivo era estimular o pensamento crítico e sensibilizar os alunos para a arte. Nos dias de hoje teria realizado esta atividade de uma forma diferenciada apostando na apresentação de outras pinturas que expusessem diferentes representações de tempo, dando oportunidade aos alunos para as comparar enquanto obras de arte e enquanto elementos potenciadores da aprendizagem da língua estrangeira.

A minha intervenção pedagógica na disciplina de Espanhol, teve lugar no Centro de Estágio III e dividiu-se entre a turma do 7ºF e do 9º I.

Da análise documental desta intervenção pode-se comprovar-se que, na altura, o meu pensamento e a minha linha pedagógica estavam assentes na motivação dos alunos e no estímulo do seu pensamento crítico, já muito orientado para o tema fulcral deste relatório.

A unidade didática ministrada à turma do 9º I teve como tema as festividades de Espanha (vd. Anexo XIII). Para explorar este tema, como se pode comprovar através das planificações e das minhas reflexões, a estratégia utilizada foi a de explorar imagens induzindo os alunos a conceber ideias e opiniões. O tema foi apresentado como se fosse um filme de terror, aproveitando o conhecimento que os alunos haviam manifestado sobre os realizadores hispânicos de filmes de terror Paco Plaza e Alejandro Amenábar. Como consolidação do tema foi usado um jogo didático: um PowerPoint baseado no concurso televisivo Quem Quer Ser Milionário, com questões alusivas ao tema. Hoje e refletindo sobre esta unidade, usaria a parte de escrita criativa e teria convidado os alunos a escrever um pequeno guião em espanhol de um filme sobre as festividades. Esta atividade dar-lhes-ia a oportunidade de se exprimirem artisticamente na língua meta, havendo ainda a possibilidade de posteriormente realizarem um vídeo como curta metragem, para apresentação à comunidade escolar. Seria, sem dúvida, uma excelente oportunidade para promover a interdisciplinaridade.

A minha intervenção pedagógica junto da turma do 7ºF, consistiu na execução de uma unidade didática sobre a roupa (vd. Anexo XIV). Da análise documental que dessa intervenção existe, resulta clara uma consistência de conteúdos e o início de uma definição da minha atuação enquanto professor de língua estrangeira. O uso de imagens para introduzir e explorar o tema é uma constante em toda a minha prática pedagógica. Nesta unidade em particular, os alunos puderam escrever os seus diálogos e representar para a turma enquadrando assim mais duas manifestações artísticas no contexto de sala de aula.

6. O cinema enquanto fator dinamizador da aprendizagem da língua estrangeira.

Aquando da realização da minha Prática Pedagógica Supervisionada III, o meu interesse pessoal e profissional pelo cinema enquanto ferramenta didática era uma prioridade. Durante a frequência do mestrado frequentei vários ciclos de cinema que exploravam o cinema como uma ferramenta didática, servindo de auxílio para introduzir temas e conteúdos e estimular os alunos para a aprendizagem.

O cinema tem a capacidade de absorver várias áreas, potenciando e veiculando o conhecimento e atuando diretamente no desenvolvimento de competências sociais.

Como já foi referido anteriormente neste relatório, iniciei este trabalho tendo como ideia base explorar o cinema como ferramenta didática. Nesse sentido tive a oportunidade de realizar uma intervenção pedagógica na turma do 9ºI, explorando o cinema como ferramenta didática com o objetivo de compreender a reação dos alunos face ao cinema e à aquisição de conteúdos na sala de aula de língua estrangeira. Assim, foi apresentada uma aula sobre a alimentação e sobre a problemática da anorexia (vd. Anexo XV). Foi usada a exploração de imagens de pessoas conhecidas que padeceram de anorexia. Inicialmente foram apresentadas imagens dessas pessoas ainda antes de padecer da doença e posteriormente apresentaram-se imagens dessas mesmas pessoas com uma alteração drástica de peso. No final, pediu-se aos alunos que manifestassem os seus pontos de vista e opiniões, em língua estrangeira. Posteriormente foi apresentada aos alunos uma curta metragem intitulada “El Circulo”, realizada por Alfonso San Eugénio. Para acompanhar a visualização da curta metragem foi realizada uma ficha de trabalho, estimulando os alunos a darem a sua opinião em língua estrangeira sobre a sua temática.

No final foi aplicado um questionário (vd. Anexo XVI) sobre o uso do cinema enquanto ferramenta didática. Tal questionário foi aplicado aos 23 alunos e era composto por quatro questões de resposta aberta.

Relativamente à primeira pergunta – *O que achas do cinema enquanto ferramenta didática?* – a resposta foi unânime: todos os alunos apontaram o cinema como uma ferramenta “interessante”. Responderam ainda, a título meramente exemplificativo, que “faz com que estejamos atentos”, “acho que é muito divertido”, “acho que é uma boa forma de apreender”, “não é tão cansativo” e que “é uma boa maneira de consciencializar”. Daqui podemos concluir que os discentes ficam efetivamente motivados com a utilização do cinema enquanto ferramenta didática e isso é de tal forma evidente que não há nenhum registo de nenhum aluno manifestando o seu desagrado ou desinteresse pelo uso de tal ferramenta com o apontado objetivo. É importante salientar que a curta metragem foi exibida sem legendas não tendo havido nenhuma ressalva ou comentário por parte dos alunos sobre uma possível dificuldade de interpretação.

Relativamente à segunda questão (*Que atividades gostas de desenvolver na sala de aula?*) as respostas obtidas foram as seguintes:

Atividades	Número de alunos
Debates	2
Fichas sobre filmes	6
Ver filmes	9
Jogos	3
Trabalho de grupo	2
Exercícios de gramática	1

Tendo em consideração as respostas obtidas, podemos concluir que a maioria dos alunos destacou o uso do cinema e a exploração do mesmo como sendo a sua atividade preferida em contexto de sala de aula. Assim sendo e tendo em consideração este resultado, podemos concluir que o uso do cinema enquanto ferramenta didática aumenta o interesse e a motivação dos alunos face à aprendizagem da língua estrangeira.

A terceira pergunta do questionário (*Achas que o cinema serve só como um aspeto de diversão?*) obteve as seguintes respostas:

Sim	Não
2	21

Partindo da análise das respostas obtidas, podemos concluir que a maioria dos alunos tem consciência que o cinema pode servir para auxiliar na aprendizagem dos conteúdos e desenvolver as competências linguísticas e sociais na aula de língua estrangeira.

Atendendo ao facto de que se tratava de uma questão aberta, é conveniente ainda salientar as seguintes respostas dadas pelos alunos e que confirmam a conclusão anterior: “dá-nos também uma lição de vida”; “ensina-nos muitas coisas que os professores não ensinam”; “serve para nos mostrar como se vive em Espanha”; “ouvimos pessoas reais a falar”; também serve no aspeto informativo”.

No que diz respeito à última pergunta do questionário realizado aos alunos do 9ºI (*O que aprendeste hoje de novo com a curta-metragem?*) todas as respostas estiveram intrinsecamente ligadas à bulimia e a competências sociais. Das respostas dadas, salientam-se as seguintes: “aprendi que a bulimia é uma doença que os homens também têm”; “aprendi que devemos ter consciência do que somos”; “aprendi que devemos ter sempre atenção aos que nos rodeiam”; “Que querer ficar mais magras não nos faz ficar mais bonitas”; “que a nossa saúde vem em primeiro lugar”.

Curiosamente nenhum dos alunos frisou que a curta metragem os tinha ajudado a melhorar as suas competências linguísticas, o que nos leva a concluir que os discentes usaram de forma irrefletida a língua meta assumindo a língua estrangeira como um canal para chegar ao tema, o que não lhes causou nenhum atrito.

7º Reflexão Final

Este trabalho deu-me a oportunidade de fazer uma retrospectiva sobre o meu percurso enquanto professor de língua estrangeira. Partindo da minha experiência pessoal e profissional, agregando-lhe a experiência académica advinda das minhas Práticas Pedagógicas Supervisionadas e de todas as unidades curriculares do mestrado de MEIFE, o presente relatório surge em contexto de investigação ação .

Para a realização deste trabalho optei por uma abordagem conceptual, contando com a ajuda das personagens do Livro *Feiticeiro de Oz*. Estas personagens representam, de uma forma metafórica, o meu percurso neste

mestrado. Cada uma das personagens, está de certo modo associada ao tema deste trabalho e em conjunto representam as diferentes dimensões de um professor. O *Tin Woodsman*, representa o coração e o lado mais emocional da relação pedagógica; o *Scarecrow*, o professor investigador que faz da sua sala de aula um laboratório em busca de conhecimento; O *Cowardly Lion*, representa a coragem e a perseverança que são necessárias ao professor para superar as suas dificuldades. Juntos percorrem a *Yellow Brick Road*, que representa todo o caminho a percorrer no contexto de ensino aprendizagem.

Ser professor é uma tarefa árdua e representa uma enorme responsabilidade. De acordo com as minhas próprias reflexões “ser professor nos dias de hoje é uma responsabilidade muito grande, a sala de aula é como um laboratório e o papel do professor é estimular os alunos à descoberta sem nunca esquecer o seu papel enquanto avaliador e possuidor de um conhecimento científico consolidado.” Enquanto docentes temos a capacidade de fazer a diferença no nosso metro quadrado, promovendo nos nossos alunos o desenvolvimento de competências que se traduzam em ferramentas sociais capazes de contribuir para uma sociedade mais igualitária e plural.

O presente relatório está assente em conceitos muito importantes que se complementam entre si: o pensamento crítico, o plurilinguismo, a arte e o perfil do professor de língua estrangeira.

Tendo em consideração todo o trabalho desenvolvido, o meu pensamento e a minha consciência enquanto professor ganharam contornos diferentes ao longo de todo o processo, sendo clara uma evolução no meu pensamento e na minha forma de atuar em contexto de sala de aula.

O desenvolvimento do pensamento crítico revelou-se um ponto basilar em todo o processo. De acordo com as minhas reflexões (vd. Anexo XVII) “os alunos não são seres amorfos e sem capacidade de raciocínio, mas o que é certo é que muitas vezes tendemos a tratar os alunos de uma maneira muito egoísta retirando-lhes o gosto pela descoberta, pondo de parte a sua capacidade de crítica e raciocínio, apresentando respostas em vez de desafios.” Esta premissa coloca o aluno enquanto parte ativa na sua aprendizagem, “suportada pela Taxonomia de Bloom, revista por Lauren Anderson que defende o processo de aprendizagem com uma ideia gradativa, o aluno deve ser conduzido à ideia final através de indicações, mas sem nunca apresentar o resultado de uma maneira irrefletida, o professor deve fornecer modelos para que os alunos consigam atingir os resultados por si”. Considero assim muito importante não só questionar os alunos, mas levá-los a questionarem-se a si mesmos, dando-lhes a oportunidade de desenvolverem o seu pensamento

crítico.

Como professor e educador, compreendo que a escola é sem dúvida um dos pilares basilar da sociedade e que deste modo os professores adquirem um papel preponderante na sua estruturação. É muito importante educar para a diversidade e para a inclusão, estimular o pensamento crítico nos alunos, dotando-os de ferramentas que ajudem na construção de uma sociedade mais plural e inclusiva.

Através da análise documental conseguimos compreender que com o passar do tempo e conseqüentemente com a minha evolução enquanto professor, a minha preocupação em enquadrar a Educação pela Arte na planificação e conseqüentemente no contexto de sala de aula ganhou uma consistência pedagógica.

De acordo com as minhas reflexões, e debruçando-me em especial sobre a reflexão que realizei sobre o seminário, “*Hidden voices: Uncovering learners’ theories in the English Language classroom*”, dinamizado pela Professora Cristina Pinto, conclui que à data “o que me chamou particularmente a atenção foram os slides que a professora foi apresentando, para além do conteúdo, todos tinham uma pintura associada. As imagens eram como a voz silenciosa da sala de aula, da qual fomos retirando não só o prazer de as admirarmos, mas também aprender alguma coisa pelas referências subtis que a professora foi fazendo. Depois de assistir a este seminário introduzi nas minhas práticas letivas a pintura como elemento transversal da cultura e complemento da língua estrangeira. Lançar um olhar atento sobre as nossas práticas é envolver os nossos alunos, o trabalho na sala de aula deve ser feito em conjunto para se trabalhar sob o ideal de um processo de construção do saber contínuo e transversal, só assim podemos potenciar uma aprendizagem de qualidade.”

O Cinema, para além de uma paixão pessoal, revelou-se como uma ferramenta didática muito eficaz. Tendo por base a investigação ação e o questionário aplicado, verificamos que os alunos se apresentam predispostos e motivados para a aprendizagem pela arte. O cinema é sem dúvida um veículo de conteúdos e cultura, podendo ser aplicado à aula de língua estrangeira como um dinamizador do desenvolvimento de competências culturais, linguísticas e sociais, que de uma forma transversal e transdisciplinar, contribuem para o crescimento dos alunos enquanto aprendentes e seres humanos.

A aprendizagem de uma língua estrangeira desempenha um papel muito importante na construção do ser humano, uma vez que o ajuda a compreender

e a estar mais atento à diversidade, abrindo-lhe portas para o mundo. O plurilinguismo representa nos dias de hoje, um papel fundamental na mobilidade das pessoas e na abertura cultural e social.

Acredito que perante o exposto e tendo em consideração o panorama mundial, não será suficiente para um indivíduo conhecer apenas um idioma, uma vez que caminhamos para um mundo plurilingue e plural. Assim revela-se muito importante repensar a política educacional em relação às línguas estrangeiras. É essencial ter em consideração que atualmente conhecer apenas um idioma é uma nova forma de analfabetismo do século XXI.

Ao terminar este trabalho, posiciono-me como um professor reflexivo, atento às necessidades de cada aluno, capaz de usar a Arte e os diferentes recursos didáticos para promover a aprendizagem da língua estrangeira num ambiente de sala de aula saudável e ainda assim, estimular o pensamento crítico e sensibilizar os alunos para a diferença e para a inclusão. É muito importante que os alunos questionem e articulem o seu conhecimento de uma forma interdisciplinar, desenvolvendo as suas competências sociais e académicas, pautando a sua formação pela cidadania e pelo respeito pela diversidade.

Todo este trabalho ajudou a descobrir-me não só como aluno como também enquanto homem e profissional, ajudando-me a definir uma nova maneira de estar enquanto professor.

Bibliografia

- BUORO, A. B. O Olhar em Construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- Byram, Michael, Geof Alred e Mike Fleming. Intercultural Experience and Education. Clevedon: Multilingual Matters, 2003
- Conselho da Europa (2001), Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação. Lisboa: Edições ASA.
- Coste, G. &. (1983). Dicionário de Didática das Línguas. Coimbra: Almedina
- COUNCIL OF EUROPE (2001). Common European Framework of Reference for Languages:
- Eisner, E. W. (1972). Educating Artistic Vision. New York, Macmillan
- FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (1989). Cine e Historia en el aula. Madrid: Ed. Aka.
- IGLESIAS CASAL, I. (2003). “Construyendo la competencia intercultural: sobre creencias, conocimientos y destrezas”. Em Segunda Etapa Carabela, nº 54. (pp.5-28) Madrid: SGEL
- Lagoutte, D. (2002). Enseigner les Arts Visuels. Pédagogie Pratique. Paris, Hachette Edition.
- Lima, E. H. M. (2007). A Arte-Educação no Processo de Ensino-Aprendizagem Através da Cultura Popular. III Seminário Educação, Imaginação e as Linguagens Artístico Culturais. Criciúma (SC): UNESC. Disponível em: http://www.gedest.unesc.net/seilacs/arteeduca_eduardolima.pdf
- Machado, J. P. (1977). Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 3ª Edição. Lisboa: Edição Livros Horizonte. Primeiro Volume.
- Malveira, A. N. (2010). A Educação na República de Platão. Revista da Academia Brasileira de Filologia. Número VII.
- Nascimento, V. S. de J. (2012). Ensino de Arte: Contribuições para uma Aprendizagem Significativa. II Encontro Funarte de Políticas para as Artes: interações Estéticas em Rede.
- Nóvoa, A. (2010). –Profissão docente!. Entrevista in Revista da Educação, (02), Ed. 154.
- Ortuño, Marian. Teaching Language Skills and Cultural Awareness with Spanish Paintings. Hispania, vol. 77, n. 3, Setembro de 1994, pp. 500-511.
- PACHECO, J. A. O Pensamento e a ação do professor. Porto: Porto Editora, 1995..
- Perdigão, Madalena. Educação Artística. In, Manuela Silva e Maria Isabel Támen. Sistema de Ensino em Portugal. Lisboa: Fundação

Calouste Gulbenkian, 1981

- SANTOS ASENSI, Javier (2007). Cine en español para el aula de idiomas. In Encuentros de Profesores de Español de NZ.
- Sousa, Alberto. Educação pela Arte e Artes na Educação: Bases Psicopedagógicas. Lisboa: Stória Editores, 2003
- Tolstoi, Leo. What is Art?. Indiana: Hackett Publishing Company, 1896, ed. 1996
- TRIM, J. L. et al (2001). Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: Edições Asa (tradução). ISBN 972-41-2746-X.
- Vaz, M. (2011). Conceções de futuros professores acerca da planificação do processo de ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.
- Walker, R. (2008). Twelve Characteristics of an Effective Teacher: A Longitudinal, Qualitative, Quasi-Research Study of In-service and Pre-service Teachers' Opinions. Educational Horizons